

Jesus O Nosso Natal

11

O cântico de
Natal que fez
parar uma
guerra

30

O aniversário
dô Messias

46

Sem pegadas
na neve

PUBLICADORA SERVIR
DEZEMBRO 2025
N. 943 | ANO 86



“Eis que cedo venho.” A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

PROJETO GRÁFICO **Joana Areosa**

DIAGRAMAÇÃO **André Carrolo Fernandes**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publishadora SerVir, S.A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo**
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Ligação Visual

Casais de S. Martinho – Jerumelo

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
30	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	6
7	[8]	<u>9</u>	<u>10</u>	[11]	<u>12</u>	13
14	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	<u>18</u>	<u>19</u>	20
21	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	<u>25</u>	<u>26</u>	27
28	[29]	30	31	1	2	3

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

6 ROIG CENTRO

7 ROIG NORTE

14 GALA SOLIDÁRIA DE NATAL

29 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO
(ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 CASA PUBLICADORA ADVENT
ORION (CSU)

8-12 CASA PUBLICADORA SERVIR
(PTU)

15-19 ASSOCIAÇÃO DO SUL DE
FRANÇA (FBU)

22-26 NOVO TEMPO PORTUGAL
(PTU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[8] SEGUNDA-FEIRA

[11] QUINTA-FEIRA

[29] SEGUNDA-FEIRA

janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	31	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

10 CULTO NACIONAL

11-17 SEMANA DE REAVIVAMENTO

17 CONCURSO “HINO TEMA JA”

17 CULTO DA LIBERDADE RELI-
GIOSA

18 FORMAÇÕES DOS DEPARTA-
MENTOS (ZOOM)

24 E 25 ENCONTROS REGIONAIS
DE DIRIGENTES JA

26 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO
ONLINE

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice



1

EDITORIAL

Luz que Nos Envia

5

ESPECIAL DE NATAL

Dois, três ou doze reis
magos

*Descubra os Magos que, afinal,
não eram reis.*

11

ESPECIAL DE NATAL

O cântico de Natal que fez
parar uma guerra

O poder pacificador do Natal.

14

ESPECIAL DE NATAL

A noite em que as nossas
necessidades foram
respondidas

*A Primeira Vinda de Jesus na
noite de Natal.*

22

ESPECIAL DE NATAL

Jesus, o dom de Deus à
Humanidade

A maior dádiva de Deus.

30

ESPECIAL DE NATAL

O aniversário do Messias

*Podemos saber em que data
verdadeiramente nasceu Jesus?*

36

ESPECIAL DE NATAL

Deus Connosco: O Seu
presente é a Sua presença
Emanuel, o presente de Deus.

41

ESPECIAL DE NATAL

A história de Maria

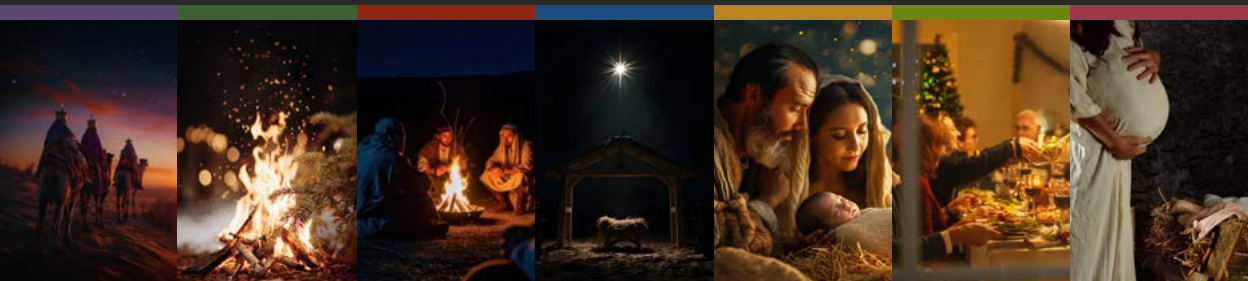
O Natal vivido pela mãe de Jesus.

46

ESPECIAL DE NATAL PARA CRIANÇAS

Sem pegadas na neve

Um milagre de Natal.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD



Luz que Nos Envia

Mesmo num tempo em que o nascimento de Jesus é frequentemente diluído em consumo, pressa e distração, permanece uma verdade que nenhuma Sociedade secularizada conseguiu apagar: A luz entrou no mundo. João escreve: “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a venceram” (João 1:4 e 5).

Esta afirmação não é um simples adorno teológico. É o fundamento da Missão.

“Na manifestação de Deus ao Seu povo, a luz tinha sido sempre um símbolo da Sua presença. À ordem da palavra criadora, no princípio, a luz brilhara nas trevas. Estivera velada na coluna de nuvem de dia, e na de fogo à noite, conduzindo os vastos exércitos de Israel. Resplandecera com terrível majestade em volta do Senhor, no Monte Sinai. Repousava sobre o propiciatório no tabernáculo. Encheria o templo de Salomão ao ser dedicado. Nas colinas de Belém, quando os anjos trouxeram a mensagem de redenção aos pastores que vigiavam, a luz brilhara.”¹ O Deus que Se fez carne não inaugurou uma época festiva; inaugurou um movimento. A encarnação é o primeiro passo da missão divina e, por isso, também a base da nossa missão como Igreja. Ao meditarmos nas palavras de João, três verdades podem orientar o nosso caminho espiritual como Comunidade chamada a viver a Missão no cotidiano. Primeiro, a luz brilha

mesmo quando tudo parece escuro. A caminhada cristã conhece momentos de sombra, dúvidas, pressões e fadigas que se acumulam, mas o Evangelho não começa com a luz que o mundo tenta oferecer; começa com a luz que Cristo traz. A Missão não depende das circunstâncias; depende da presença d'Aquele que continua a brilhar.

Segundo, a luz é vida. O nascimento de Jesus não é somente uma narrativa comovente; é um ato de resgate. Onde Cristo entra, a vida recomeça. O Evangelho não é uma ideia abstrata, é uma Pessoa real. Cada igreja local é chamada a ser um ponto de luz, um espaço onde a vida de Cristo se torna visível no acolhimento, na solidariedade, na inclusão, no serviço e na comunhão.

Terceiro, a luz não pode ser exclusivamente recebida; tem de ser enviada. Deus não esperou que o mundo viesse até Ele; Ele veio até nós. A Missão é sempre movimento: De dentro para fora, do seguro para o incômodo, do habitual para o inesperado. Uma fé parada não ilumina ninguém.

E por isso deixo esta pergunta a cada leitor, a cada família, a cada igreja: Onde precisa Deus que leve luz, agora?

1

Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 422, ed. P. SerVir (2017).



—
Carlos Olivares
Teólogo

*Retirado da
Adventist Review de
dezembro de 2018.*

Dois, três ou doze reis magos

Descubra os magos que,
afinal, não eram reis.

Todos os Natais encontramos-os: Três reis magos, nem mais, nem menos. Mas o que sabemos realmente sobre eles?

Quem é ou o que é *magoi*?

O texto grego de Mateus chama-lhes *magoi* (Mateus 2:1 – plural do substantivo grego *magos*), que as traduções bíblicas traduzem por “sábios” ou “magos”. Quando a palavra aparece novamente no Novo Testamento, a maior parte dos tradutores traduz-na como “feiticeiro” ou “mágico” (Atos 13:6-8). O contraste entre aqueles que procuravam Jesus, referidos em Mateus, e o falso profeta Bar-Jesus, presente na cidade cipriota de Pafos, “cheio de todo o engano e de toda a malícia” (Atos 13:10), dificilmente poderia ser menos espetacular. Estes significados contrastantes de “*magos*” aparecem ambos na literatura grega clássica. Bar-Jesus e os *magoi* de Mateus são exemplos válidos de cada um deles. Os *magoi* são o polo oposto do falso profeta Bar-Je-

sus, “filho do diabo, inimigo de toda a justiça” (Atos 13:10). Eles estão mais despertos para a compreensão dos rolos bíblicos do que o rei (meio-)judeu Herodes e do que os seus especialistas na *Torah*. É porque eles estão abertos para ouvir a Sua voz que Deus os usa para salvar o Seu filho do vil e homicida rei Herodes.

Mateus não usa o termo, mas nós chamamos-lhes “os três reis do Oriente”. De onde se originou este epíteto real? Tertuliano, o escritor cristão do século III (morreu por volta de 240 d.C.) nota que as pessoas do Oriente consideravam os Magos como sendo “quase” reis (*Adversus Marcionem*, 3.13.8),¹ enquanto duas obras orientais não-canónicas do sexto século, a *Caverna do Tesouro* (fol. 40b, col. 2) e o *Evangelho Arménio da Infância* (5.10), mostram que se passou da afirmação da quase-realeza para a da verdadeira realeza. O Cristianismo Ocidental (a Igreja de Roma) não avançou tão depressa. Caesarius, Bispo de Arles





Foi apenas a partir do século X que as representações artísticas começaram a mostrar coroas na cabeça dos Magos.

(morreu em 542 d.C.), pregou um sermão supondo abertamente a realeza dos Magos (Sermão 139). Mas foi apenas a partir do século X que as representações artísticas começaram a mostrar coroas na cabeça dos Magos.²

Há quem sugira que Isaías e o antigo Salmista podem ter contribuído para esta questão: A descrição que o Salmista faz de reis que viriam das regiões orientais e a referência de Isaías a governantes orientais que trariam ouro e incenso combinaram-se para servir de apoio bíblico para a tradição em desenvolvimento. Para o Salmista, os reis trazem presentes para o filho do rei (Salmo 72:1, 10 e 11); para Isaías, as suas riquezas são dons oferecidos quando a glória de Deus se manifestar sobre o Seu povo (Isaías 60:3, 6).

As interpretações da realeza dos Magos, embora invoquem textos bíblicos, não são necessariamente validadas biblicamente. Mateus 2:11 não deve ser visto como um cumprimento de uma profecia em Isaías 60:6 apenas porque ambos os textos mencionam ouro e incenso. Um elemento-chave para se determinar um tal cumprimento profético é o modo como o autor do Novo Testamento usa o material do Antigo Testamento.

Mateus, que cita abundantemente o Antigo Testamento, nada tem a dizer acerca de qualquer passagem bíblica aplicada aos Magos. Isto é particularmente instrutivo porque muitas das suas citações do Antigo Testamento focam-se na história da natividade. Mateus é explícito: O anúncio do nascimento de Jesus (Mateus 1:22 e 23) é o cumprimento da predição de Isaías de que uma virgem conceberia (Isaías 7:14). A vinda de José do Egito, depois de Deus o ter enviado para lá para preservar a vida do bebé Jesus (Mateus 2:13-15), é o cumprimento da predição de Oseias de que Deus chamaria o Seu Filho do Egito (Oseias 11:1). O choro desconsolado de Raquel pelos seus filhos (Jeremias 31:15) é cumprido pelo clamor enlutado das mães judias depois de Herodes ter mandado matar todas as crianças de menos de dois anos, para garantir que se livrava do bebé Rei dos Judeus (Mateus 2:17 e 18).

Assim, o silêncio de Mateus sobre qualquer significado preditivo ou sobre qualquer realização profética de Isaías 60 ou do Salmo 72 é significativo, pelo que o Salmo 72 e Isaías 60 são rejeitados com razão como não tendo qualquer importância em relação à atividade e à identidade real dos *magos* de Mateus.

Se aceitarmos os repetidos reconhecimento de estatuto social por parte de Mateus – centurião (Mateus 8:5; 27:54), soldado (Mateus 8:9; 27:27), sacerdote (Mateus 21:15), escriba (Mateus 2:4; 8:19), Fariseu (Mateus 3:7; 12:2), governador (Mateus 10:18; 27:2) e rei (Mateus 2:1, 3, 9)

–, deveríamos fazer o mesmo com os *magoi* (Mateus 2:1, 7, 16). Como já foi dito, o termo significa pessoas cultas que trabalhavam como intérpretes de sonhos ou como conselheiros de Estado: Eles são magos, não reis.

Três homens ou três presentes

Orígenes, o teólogo cristão pós-apostólico (que morreu em 253 d.C.), é o primeiro autor conhecido a afirmar que os Magos eram três (nos seus comentários a Gênesis e a Êxodo 14), embora o cálculo do seu número se estenda de dois a doze Magos.³ Com a ajuda dos vários sermões do Papa Leão I sobre os Magos (Sermões 31, 33, 34, 36), o consenso sobre o seu número acabou por se conformar com o número dos seus presentes. Tal como se preocupava com o estatuto dos seus personagens, Mateus também se interessava pelos números – dois possessos (Mateus 8:28), doze discípulos (Mateus 10:1; 11:1), dois cegos (Mateus 9:27), 4000 homens (Mateus 15:38). Mas ele nunca achou necessário declarar o número de Ma-

Mateus estava pouco preocupado com os nomes, com o número ou com o estatuto.

Uma coisa era essencial. O que era importante era a sua história sobre Jesus e a salvação que Ele traz.

gos. Ele também se interessava pelos nomes – a genealogia do seu capítulo 1 testemunha isso abundantemente, indicando nomes como o de Maria, de José e de Jesus. Mas ele não pode ser associado com qualquer atribuição de nomes aos Magos que a tradição apresentou: Hormizdadh, Izgarad e Perozadh, numa lenda síria (*Caverna dos Tesouros*, Fol. 40b. Col. 2); Tanisuram, Maliko e Zesesba, numa história etíope (*A Conceção e o Nascimento da nossa Senhora Maria*, 17); Ator, Sator e Petadoras;⁴ Enoque, Melquisedech e Elias, descidos do Céu para visitar o bebé Jesus;⁵ Bithisarea, Melchior e Gathaspa, de uma obra grega do século V, traduzida em latim no século VIII (*Excerpta Latina Barbari*, 51b, 25); ou, finalmente, graças ao *Evangelho Arménio da Infância* do século VI, o trio triunfante: Melchior, Gaspar e Baltazar.

A coisa importante

Mateus estava pouco preocupado com os nomes, com o número ou com o estatuto. Uma coisa era essencial. O que era importante era a sua história sobre Jesus e a salvação que Ele traz. Tal como o mensageiro do Céu instrui José, Maria não deve ser repudiada: “E dará à luz um filho, e chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mateus 1:21). Nomes e número, estatuto e raça têm preocupado as pessoas interessadas na história de Jesus. Entre o século XIV e o século XV um *magos* negro entrou na história, talvez porque alguém quis enfatizar o seu significado universal. Ironicamente, ele juntou-se a dois ho-



A sua apatia (Mateus) em relação a estas questões sugere um objetivo da narrativa que não estava centrado na raça ou nos aspetos estéticos, mas na transformação das pessoas logo que tivessem o privilégio de interagir com Jesus.

mens com características físicas europeias, um enigma geográfico que desafiava seriamente a sua origem bíblica.

Mas as distorções na aparência, seja numa direção ou noutra, quer fosse gentilmente racista ou nobremente globalista, não faziam minimamente parte das preocupações de Mateus. Barbudos ou barbeados, idosos ou

juvenis, brancos ou negros, nenhuma destas características físicas é um elemento na história de Mateus. A sua apatia em relação a estas questões sugere um objetivo da narrativa que não estava centrado na raça ou nos aspetos estéticos, mas na transformação das pessoas logo que tivessem o privilégio de interagir com Jesus. Independentemente da raça, da idade, do estatuto ou da cor da pele, a mulher cananeia (Mateus 15:22), o homem de Cirene (Mateus 27:32) e os *magos* do Oriente recebem a bênção que importa porque estão com Jesus, sendo que Mateus mostra que Jesus é a Esperança de Israel e o Messias das eras, o real Filho de David que é Semente do pai Abraão (Mateus 1:1).

O modo como os Magos viajaram também não é considerado importan-



te, como não fora considerada importante a cor da sua pele: Eles podem ter caminhado entre 30 e 35 quilómetros por dia; ou, tal como nos cartões de Natal e nos filmes natalícios, podem ter montado em camelos, que lhes permitiriam percorrer cerca de 100 quilómetros por dia. A data da sua chegada pode ter sido 6 de janeiro, ou não, data celebrada em muitos países latinos ao redor do Globo como sendo o dia em que as crianças recebem os seus presentes, o *Dia de los Reyes Magos*. Não há qualquer documento histórico sobre a data. O cálculo da data

... não nos são dados os seus nomes, o seu número ou a data da sua chegada. Mas sabemos de onde eles vieram – eram Gentios vindos do Oriente...

depende unicamente de uma outra simples tradição sobre o dia de nascimento de Jesus, 25 de dezembro, sobre o qual também não existe documentação confirmativa.

Porque tanto da história dos *magos*, a quem chamamos “Magos”, permanece indocumentado, os detalhes que são incluídos assumem um poder impressionante: Não nos são dados os seus nomes, o seu número ou a data da sua chegada. Mas sabemos de onde eles vieram – eram Gentios vindos do Oriente (Mateus 2:1); sabemos para onde vieram – até ao lugar onde estava o bebé (Mateus 2:9); sabemos por que razão vieram – adorar o Rei (Mateus 9:2). E este conhecimento é, em simultâneo, suficientemente global e pessoal para que eu o possa processar.

Sei de onde venho? Sei para onde vou? Estou sintonizado com a sabedoria e com a dedicação daqueles antigos sábios orientais? E estou a caminho para adorar o Rei?

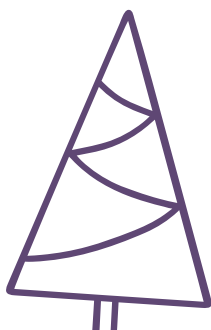
¹ As fontes da literatura clássica são aqui usadas sem recurso a citação exaustiva.

² Abel Fabre, *Pages d'art chrétien* (Paris: Bonne Presse, 1910), pp. 79-81.

³ Jeffrey Spier, *Picturing the Bible: The Earliest Christian Art* (New Haven, Conn.: Yale University, 2008), p. 181; *Opus Imperfectum in Matthaeum 2; The Book of the Bee*, p. 39; Walter Lowrie, *Christian Art and Archaeology* (New York: Kessinger Publishing, 2003), p. 212.

⁴ Isaac Casauboni, *De rebus sacris et ecclesiasticis exercitationes XVI* (Frankfurt, 1615), p. 137.

⁵ Jacques d'Auzoles, *L'Épiphanie, ou Pensées nouvelles à la gloire de Dieu, touchant les trois Mages* (Paris: Alliot, 1638), pp. 243-245, 276.





—
Victor Parachin
Pastor e Psicólogo

O cântico de Natal que fez parar uma guerra

A maior dádiva de Deus.

Quando começou a Primeira Guerra Mundial, em 1914, foi garantido aos soldados de ambos os lados que, no Natal, estariam de volta aos seus lares para celebrar a vitória. Essa promessa não se cumpriu. Os homens que lutavam nas frentes de combate não chegaram aos seus lares a tempo de celebrarem o Natal, e a guerra continuou penosamente durante mais quatro anos.

No entanto, na véspera de Natal de dezembro de 1914, produziu-se um dos acontecimentos mais invulgares da história militar. Na noite de 24 de dezembro, o clima tornou-se de repente muito frio, e congelou a água e a lama nas trincheiras. Do lado alemão, os soldados começaram a acender velas. As sentinelas britânicas informaram os seus superiores do aparecimento de pequenas luzes na ponta de paus ou de baionetas.

Embora essas luzes iluminassem claramente as tropas alemãs, o que as tornava vulneráveis aos disparos do inimigo, os Britânicos decidiram não disparar. Momentos depois de terem avistado aquelas imagens, os Britânicos começaram a ouvir que alguns soldados alemães cantavam um cântico natalício.

Em breve, outros soldados se uniram a eles, num harmonioso coro improvisado, e o canto estendeu-se ao longo de toda a linha de soldados alemães. Eram as palavras do cântico “Stille Nacht, Heilige Nacht”, que as tropas britânicas em seguida reconheceram como a melodia de “Silent Night, Holy Night”, e começaram a cantar, em inglês, juntamente com os Alemães.

O canto unido de “Noite de Paz” rapidamente neutralizou as hostilidades de ambos os grupos. Um a um, os soldados britânicos e alemães começaram a pôr de lado as suas armas e aventuraram-se na “terra de ninguém”, uma reduzida extensão de terreno assolada pelo bombardeamento que se encontrava entre os dois exércitos. A resposta foi tão geral que os oficiais superiores não puderam opor-se. Uma trégua não declarada tinha começado e, por um momento, tinha-se feito a paz.

Uma testemunha ocular

Frank Richards foi testemunha ocular desta trégua não oficial. No seu diário de guerra escreveu: “Pegámos num pedaço de madeira onde tínhamos escrito

a frase 'Feliz Natal'. O inimigo fez o mesmo. Dois dos nossos homens puseram de lado o seu equipamento e saltaram por sobre o parapeito com as mãos sobre a cabeça, e dois dos Alemães fizeram o mesmo, enquanto os nossos avançavam para se encontrarem com eles. Ao chegarem, apertaram as mãos e então todos saímos das trincheiras, enquanto os Alemães faziam o mesmo."

Nessa noite, os soldados inimigos sentaram-se ao redor de uma só fogueira. Trocaram pequenos presentes oriundos dos seus escassos pertences. Homens que, apenas umas poucas horas antes, tinham estado a disparar para matar, agora estavam a partilhar a festa de Natal e a mostrar uns aos outros fotografias das famílias. A trégua acabou como tinha começado, por mútuo acordo.

Noite de Paz

"Noite de Paz", o cântico de Natal que, por uns momentos, conseguiu fazer parar a Primeira Guerra Mundial, é uma das peças musicais mais cantadas em todo o mundo. Durante o mês de dezembro, pode ouvir-se nos centros comerciais, nas igrejas e nas salas de concerto dos mais diversos pontos do Globo. É algo estranho, mas o mundo talvez nunca chegasse a conhecer essa peça musical, se não fosse por um percalço que surgiu na igreja da pequena aldeia de Oberndorf, na Áustria.

Estava-se no ano de 1818 e, dentro da igreja de São Nicolau, o ambiente era de festa, nessa tarde da véspera de Natal. Joseph Mohr, o clérigo da aldeia, de 26 anos, acabava de descobrir que o órgão tinha sofrido uma avaria grave. Fizesse o que fizesse com os pedais, só

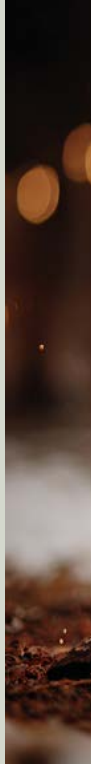
conseguia extrair um assobio áspero do velho instrumento. Quando o reparador de órgãos chegasse à igreja, o Natal já teria passado ao esquecimento. Para o jovem sacerdote, um Natal sem música era algo impensável e inaceitável.

Mohr tinha muito talento para a música. Ainda muito jovem, tinha ganhado algum dinheiro a cantar e a tocar violino e guitarra em público. As suas capacidades académicas musicais atraíram a atenção de um sacerdote, que o convenceu a entrar no seminário. Em 1815, foi ordenado sacerdote, e, em 1817, foi-lhe entregue a paróquia de Oberndorf.

Nesse lugar, Mohr não só pregou bem, como também surpreendeu os seus paroquianos ao dirigir, ocasionalmente, as reuniões de adoração com a sua guitarra.

Confrontado, naquele momento, com a repentina crise em tempo de Natal, Mohr deu-se conta de que a única música que teriam nessa noite seria a da guitarra. Também se deu conta de que os cânticos de Natal tradicionais não soariam bem no seu instrumento de cordas, de maneira que decidiu compor algo novo. Ao pensar no humilde nascimento de Jesus, Mohr começou a compor "Noite de Paz". Por meio de frases simples, o jovem clérigo sentiu-se inspirado a recordar a história do nascimento de Cristo em seis breves estrofes.

Mohr pediu a Franz Gruber, um amigo que era mais habilidoso do que ele para compor música, que o ajudasse com a melodia. Gruber era professor na vizinha vila de Arnsdorf. Mohr visitou Gruber na sua humilde residência, por cima do edifício da escola, e





explicou-lhe qual era o problema. Entregou então a Gruber as seis estrofes, perguntando-lhe se podia compor uma música que pudesse ser acompanhada à guitarra, e se podia estar pronta a tempo do serviço religioso da meia-noite.

Segundo os historiadores que compilaram os pormenores da história, Gruber sentiu-se impressionado pela inocência e pela beleza das palavras de Mohr. Sem perder tempo, pôs-se a trabalhar para lhes dar uma melodia. Como o tempo era pouco para ensaiar, concordaram em que Mohr tocaria guitarra e cantaria tenor, enquanto Gruber cantava baixo. Depois de cada estrofe, o coro da igreja unir-se-ia para cantar o refrão do cântico. Quando chegou a meia-noite, os paroquianos encheram a igreja de São Nicolau, esperando ouvir os impressionantes sons da música natalícia executada no órgão. Mas, em vez disso, encontraram o templo em silên-

cio. Mohr explicou que o órgão estava avariado, pelo que o serviço religioso incluiria música nova, preparada especialmente para a congregação.

Então Mohr começou a tocar guitarra, e a sua voz e a de Gruber entoaram o cântico acabado de compor, acompanhados pelo coro numa harmonia a quatro vozes. Mesmo sem o órgão, os paroquianos sentiram que tinham vivido uma celebração de Natal única e memorável.

Esquecido durante vários anos

Durante muitos anos, o cântico ficou esquecido no meio dos papéis da igreja de Oberndorf. Mohr foi transferido e ninguém mais se lembrou da música daquela noite.

Mas um reparador de órgãos que foi chamado para reparar o instrumento da igreja encontrou a partitura e pediu para a usar.

Assim, a música voltou a ser ouvida e foi espalhada por várias partes do mundo. Mas Mohr morreu antes de saber do sucesso da sua criação. Gruber, já com 67 anos, ouviu falar do cântico e revelou quem tinha sido o seu autor.

Hoje em dia, “Noite de Paz” é cantado em dezenas de idiomas. Independentemente da língua em que é entoado, o cântico transmite paz e alegria profundas.

Joseph Mohr, o jovem sacerdote, e Franz Gruber, o seu amigo professor, que cantaram pela primeira vez o cântico há quase 200 anos, ficariam satisfeitos, se pudessem ver que o cântico que compuseram continua a tocar o coração e a inspirar a vida das pessoas, mesmo no século XXI.

A noite em que as nossas necessidades foram respondidas

A Palavra veio numa
linguagem que
podíamos entender.



Bill Knot
Editor e Professor



Cada Natal, se prestarmos atenção, conseguiremos ouvir o que Deus diz àqueles que trabalham no turno da noite. Desde os meus tempos de criança, sinto uma espécie de piedade no meu coração por todos aqueles que passam as horas da noite a trabalhar. Talvez fossem as histórias que o meu pai me contava, acerca do trabalho que fazia numa fábrica de plásticos enquanto estudava, que me impressionaram e me fizeram sentir desse modo.

Embora nunca tenha estado no local, consigo imaginar frios pisos de cimento e armazéns sem fim, máquinas de moldar e injetar que funcionam interminavelmente na fabricação de pacotes de plástico para cereais, luzes mortijas suspensas de tetos cheios de rachas. O meu pai ficaria espantado, se soubesse do êxito que as suas histórias tiveram em fazer-me desgostar da maioria das fábricas e de todos os trabalhos noturnos.

Durante os anos de Faculdade, o meu irmão mais velho trabalhava no último turno da noite da segurança da Universidade. As suas histórias ainda me fizeram gostar mais do trabalho durante as horas claras do dia. Havia incontáveis caminhos escuros a percorrer durante a noite, e sombras de todos os tipos para nos assustar, até percebermos que era a nossa própria sombra. Havia frio, que penetrava por baixo do nosso agasalho mais quente, e olhos pesados que piscavam para se manterem abertos. Havia a infundável série de relógios de ponto, que deviam ser controlados e que nos lembravam de quantas horas ainda faltavam até ser dia.

Ao passar pela Faculdade e pelo seminário, ainda fiquei a saber melhor o que é trabalhar à noite. Muitos dos meus amigos trabalhavam no turno das 23 horas às sete horas nos hospitais da zona, e o que contavam acerca do seu trabalho nas emergências e dos seus momentos de lazer ainda mais me convenceu de que eu tinha sido feito para trabalhar de dia. Comecei a dar um valor especial ao texto bíblico que diz: “A noite vem, em que ninguém pode trabalhar” (João 9:4). Aquilo tinha sido escrito a pensar em mim, de certeza!

No centro de todas as razões por que não deveríamos trabalhar à noite está o facto inegável de que é muito pouco valorizado o facto de se trabalhar enquanto os outros dormem. Todos podemos estar gratos aos corajosos homens e mulheres que espreitam os seus monitores durante a noite para nos protegerem de ataques e inimigos, mas poucos de nós estaríamos dispostos a tomar o seu lugar.

Todos podemos barafustar de manhã, porque o homem do limpa-neves não passou na nossa rua durante a noite, ou porque as linhas elétricas caídas ain-

**... não sejamos
demasiado apressados
em “glorificar” a sorte
dos pastores que
estavam nos campos
à volta de Belém. O
trabalho que faziam era
duro e pouco invejável!**



da não foram reparadas. Mas nenhum de nós adormece e sonha em tornar-se condutor de limpa-neves ou eletricista. Atribuímos valor e uma certa posição aos felizardos que acabam o seu dia de trabalho às 5h da tarde. Mesmo nas instituições que oferecem melhores salários pelo trabalho noturno, é raro encontrar um chefe de turno noturno que tenha todos os empregados de que precisa.

Portanto, não sejamos demasiado apressados em “glorificar” a sorte dos pastores que estavam nos campos à volta de Belém. O trabalho que faziam era duro e pouco invejável. Embora os cartões de Natal que decoram a nossa casa pintem a cena com um certo encanto rústico, é bom que nos lembremos de que, de certo, nenhum de nós teria deixado a sua cama quentinha em Belém para trocar com eles. Qualquer pessoa que tenha passado ainda que só uma parte da noite ao relento com animais de quinta confirmará isto.

No passado, numa época em que a Europa estava no ponto mais baixo

da sua decadência, era moda admirar a vida dos pastores. Eram olhados como filósofos, despreocupados, sempre a brincar, junto de ribeiros de águas límpidas onde as suas ovelhas iam beber. Essa imagem deturpada de risos e sonhos, apoiada pelo teatro e pela lírica, ainda hoje se mantém.

Mas a Palavra de Deus nunca entra nessas historietas fantasiosas. Aqueles que escreveram as palavras das Escrituras sabiam como era a vida real dos pastores, alguns por experiência pessoal, como David ou Amós. Não há falsos sentimentalismos nos quadros que nos apresentam. Não tentam fazer passar a ideia de que havia algo de invejável em ser pastor, ou alguma coisa especialmente maravilhosa em guardar as ovelhas à noite nas colinas de Belém.

A maioria das pessoas a quem Deus confiou a Sua Palavra sagrada eram homens e mulheres vulgares, e a eles devemos o facto extraordinário de que as Escrituras ainda hoje falam



a linguagem da Humanidade real, de todos os dias.

A Palavra de Deus toca-nos onde vivemos, porque está escrita na linguagem de homens e de mulheres cuja vida era muito parecida com a nossa — normal, com as dores, as dificuldades, as alegrias e os trabalhos, sim, mesmo com o trabalho à noite.

Deixemos de temer

O Evangelho de Lucas diz-nos que um anjo do Senhor, ainda brilhante com o reflexo da glória do próprio Deus, se aproximou destes pastores sonolentos e vulgares, que se encontravam nas planícies perto de Belém. Nem é preciso dizer que eles “ficaram atemorizados”. Quem é que não ficaria? Se já alguma vez viram um raio branco e fulgurante cortar o céu noturno e destruir uma árvore a cem metros de distância, então talvez comecem a perceber o que os pastores sentiram, com uma diferença: Ao verem a tempestade, vocês certamente esperavam que acontecesse algo de inesperado e grandioso, enquanto aqueles homens não tinham qualquer motivo para suspeitar de que aquele turno da noite seria diferente das centenas de outros que já tinham passado naqueles campos.

E agora ali estavam eles, com os cabelos em pé, com o coração a bater como um louco e com os joelhos a tremer.

O que lhes diz este brilhante visitante? A Bíblia diz que o anjo exclamou: “Não temais...” Mas esta tradução que conhecemos não transmite o sentido exato do que aqui é dito. Na realidade, as primeiras palavras do anjo dirigidas a estes trabalhadores notur-

A Palavra de Deus toca-nos onde vivemos, porque está escrita na linguagem de homens e de mulheres cuja vida era muito parecida com a nossa.

nos aterrorizados foram: “Deixem de estar atemorizados!”

Talvez vos pareça uma diferença insignificante, mas a primeira expressão implica que não há razão para temer, que o temor não tem fundamento e é uma insensatez, enquanto a segunda expressão reconhece que o temor é o resultado natural do encontro de homens e mulheres vulgares com a espantosa glória do Senhor. Na verdade, o anjo está a dizer: “Paz! Podem deixar de sentir temor!”

Pormenores como este ajudam-nos a termos uma melhor teologia, porque a teologia é, simplesmente, um resumo da nossa compreensão de Deus. Quando reconhecemos que Deus não nos critica por sentirmos medo, não nos chama nomes, nem diz que somos loucos, estamos mais dispostos a ouvir as boas-novas que Ele e os Seus mensageiros trazem. Deus sabe que não somos as torres de confiança e de poder que muitas vezes fingimos ser. E, por isso, as Suas primeiras palavras para nós são sempre palavras de calma e de confiança: “Meu Filho, já não precisas de sentir temor!”

Há uma lógica profunda no facto de o anjo reservar tempo para acalmar os temores daqueles homens assustados, antes de lhes transmitir a sua mensagem.



Já alguma vez tentaram comunicar uma coisa de vital importância a uma pessoa e descobriram que ela só conseguia ouvir o barulho dos seus joelhos a baterem um no outro? Se queremos que a nossa mensagem seja ouvida e compreendida, temos de entender que os temores, os preconceitos e as ansiedades podem fazer com que uma pessoa fique tão surda como se o fosse de nascimento.

Também me sinto fascinado pelo facto de o anjo ter falado numa linguagem que aqueles pastores podiam entender. Não sei qual a língua que se fala no Céu, mas quase aposto que não é o aramaico, que é a língua que, provavelmente, aqueles pastores falavam. Também tenho algumas dúvidas de que o inglês seja a língua preferida nas cortes celestiais. O que importa é que, quando Deus decidiu comunicar as maravilhosas boas-novas do nascimento do Seu precioso Filho, aceitou fazê-lo numa linguagem que os ouvintes podiam entender. Não escolheu o latim, a língua da lei, do comércio e do governo. Não escolheu o grego, a língua da poesia, da educação e da cultura. Não! Escolheu transmitir as boas-novas numa língua bastante deturpada, falada, sobretudo, pelas pessoas vulgares da Palestina – os agricultores, os pescadores, os cobradores de impostos, os carpinteiros, os pastores.

Mais uma vez, vemos até que ponto a Palavra de Deus se adapta às limitações da nossa humanidade. As outras grandes religiões do mundo estão cheias de lendas de deuses que pronunciam frases ininteligíveis e estranhas que devem ser interpretadas ou traduzidas, decifradas, pelos seus seguidores, antes de chegarem à verdade.

... o Cristianismo afirma ser a religião de homens e de mulheres vulgares, porque Jesus Cristo nasceu no mundo como um bebé vulgar.

Mas o Cristianismo afirma ser a religião de homens e de mulheres vulgares, porque Jesus Cristo nasceu no mundo como um bebé vulgar.

A Palavra que vem de Deus é apresentada numa língua que podemos entender; está cheia de histórias de homens e de mulheres como nós; é clara e direta, não misteriosa. Pode ser entendida pelos maiores pensadores do mundo e também por aqueles que ainda não sabem ler nem escrever. Deus aceita transmitir a mensagem de que precisamos na língua que podemos entender.

E que mensagem é essa? Que verdade poderia ser tão importante que nada impedisse Deus de a fazer ouvir aos ouvidos surdos da Humanidade e de a fazer entender às mentes obtusas dos seres humanos? Que notícia poderia ser tão maravilhosa que tivesse que ser anunciada às primeiras pessoas que se pudesse encontrar, ainda que fossem sonolentos pastores a meio de um turno da noite? Simplesmente esta. “Na cidade de David, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lucas 2:11).

A melhor notícia

Há melhores notícias nesta simples frase do que em todos os jornais de 2025 juntos. Mas acho que é uma fraca

comparação, porque os jornais vendem, sobretudo, por causa das más notícias que vão pelo mundo. Há melhores notícias neste anúncio do anjo do que se amanhã de manhã saísse uma notícia em que fosse dito categoricamente que tinha sido descoberta a cura para a SIDA e para o cancro, que tinha sido assinado um tratado de paz permanente, que todas as armas nucleares e convencionais tinham sido destruídas, que a pobreza e a doença tinham sido vencidas e que o desemprego e a fome tinham sido banidos – tudo num só dia! Porque, embora as pessoas deste mundo cheio de sofrimento precisem de alimento e de saúde, de paz e de riqueza, precisam ainda mais de outra coisa: Precisam de um Salvador!

Precisamos de um Salvador que consiga enfrentar problemas muito mais profundos do que os que podem ser discutidos nos editoriais dos jornais ou nas notícias da noite; problemas que torturam a nossa mente mesmo quando há trabalho suficiente para todos e alimentos para matar a fome.

Ao avançarmos para um novo ano, somos forçados a admitir que o mundo

não precisa de um novo filósofo, mesmo que seja grande. Já houve muitos grandes mestres na história do mundo, e já nos deram todas as orientações que possamos desejar. E não precisamos muito de qualquer luz nova que um filósofo nos possa trazer. Como disse Mark Twain: “Não estou muito interessado em descobrir uma nova luz. Já me é muito difícil viver de acordo com a luz que tenho.” Não precisamos de outro filósofo. Só precisamos de um Salvador!

E o mundo não precisa de mais um conselheiro, que nos diga onde investir o nosso dinheiro ou o nosso tempo, durante o novo ano. Já temos demasiados conselheiros no mundo, desde os sérios e competentes que nos aconselham acerca da Bolsa, até aos de pacotilha das colunas astrológicas dos jornais. Não, o mundo não precisa de outro conselheiro. Apenas precisa de um Salvador!

E o mundo também não precisa de outro magnata dos negócios, para encher os seus cofres à custa do trabalho e do suor de homens e de mulheres trabalhadores, para depois entregar uma parte ínfima desses proventos a



uma biblioteca escolar da vila. Não precisamos de multimilionários filantropos, que podem, de vez em quando, oferecer milhões para silenciar a voz daqueles que foram esmagados pela avareza, pela ganância e pelo poder industrial. O mundo não precisa de mais magnatas. Apenas precisa de um Salvador!

E o mundo não precisa de mais políticos para nos guiarem na descida da escorregadia vereda da retórica e do compromisso. Não precisamos de grandes oradores, que podem incendiar-nos com visões de um brilhante e glorioso amanhã, mas que são tão impotentes como todos nós para mudar as coisas que causam a maior mágoa. Não precisamos de políticos, por favor! Só precisamos de um Salvador!

E o mundo não precisa de mais um gênio militar, porque o Céu e a Terra choram ao ver onde esses líderes nos levaram ao longo deste ano. Choram por todos os mortos, de todas as guerras, que, ao longo deste ano, assolaram o nosso Planeta. Não, por amor de Deus, não precisamos de mais um herói com o dedo no botão que controla o nosso destino. Só precisamos de um Salvador!

E, segundo a antiga e conhecida história contada por Lucas, foi exatamente isso que recebemos naquela noite clara, há dois mil anos – um Salvador! O Céu olhou para o nosso sofrimento, para a nossa dor, para o destroço que somos e para o nosso pecado, e viu que só um Salvador daria resposta às nossas necessidades. E foi isso que o Céu enviou – um Salvador. E embora os filósofos e os conselheiros, os magna-

tas, os políticos e os militares discutam acerca d'Ele, analisem a Sua vida, critiquem os Seus ensinamentos e estudem a Sua influência, foram sempre os homens e as mulheres vulgares deste mundo que ouviram com mais alegria falar d'Ele: Os homens e as mulheres que conduzem os limpa-neves, que fazem funcionar as máquinas de injetar plástico, que ficam acordados à cabeceira das crianças doentes e que cuidam das pessoas idosas. Eles sabem na sua alma que o Salvador nasceu no meio do turno da noite é o seu Salvador, que Ele não pertence, especialmente, aos adoradores nas grandes catedrais ou aos estudiosos nas grandes Universidades. Não. Ele é o seu Salvador, e eles aceitam-n'O, ainda que todos os outros não o façam.

Essa é a razão de ser da alegria do Natal: Não que possamos decorar a nossa casa com dezenas de luzes coloridas ou encher a nossa sala com dezenas de presentes, mas que o Senhor do Céu e da Terra entrou na vulgaridade da nossa vida para ser o nosso Salvador do pecado e do egoísmo. É por isso que, em cada Natal, um cântico se eleva do coração de milhares de homens e mulheres

Não precisamos de grandes oradores, que podem incendiar-nos com visões de um brilhante e glorioso amanhã, mas que são tão impotentes como todos nós para mudar as coisas que causam a maior mágoa.



redimidos, para se unir ao cântico dos anjos. Quando descobrimos que a vida na Terra pode ser algo mais do que uma curta existência de sofrimento entre o berço e a sepultura; quando aprendemos que a vida humana pode ser cheia de possibilidades e de alegria, apegamo-nos às palavras do hino angélico: “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.”

Na nossa própria língua

Quando eu andava na escola primária, parecia que todos os Natais me encontravam num daqueles coros de crianças vestidas de anjos, todo preparado para cantar no programa musical de Natal. Havia sempre a habitual variedade de músicas de Natal e de cânticos sacros, e, de vez em quando, uma ou outra jovem professora mais amável tentava fingir que tinha ouvido as vozes cantar em uníssono.

Mas havia sempre uma coisa que me intrigava: Uma vez que nenhum programa de Natal terminava sem que cantássemos aquela música, que exigia muito fôlego e que terminava com “Gló-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ri-a *in excelsis Deo*”, o que queria dizer *in excelsis Deo*? Alguns professores

tentavam explicar a forma correta de pronunciar a expressão, mas nunca nenhum deles deu a explicação do significado. Era apenas uma daquelas frases de adultos que as crianças tinham que aprender para entrar no mundo dos adultos. Eu incluía-a na lista onde já tinha “Por favor” e “Desculpe”.

E, então, um dia, durante o programa, descobri que o significado era “Glória a Deus nas alturas”, e que, sem saber, tinha cantado latim durante todos aqueles anos! Portanto, o cântico sempre tinha um significado, que eu nunca tinha percebido até o ouvir cantar na minha própria língua.

Creio que esse é o âmago da antiga história. Sempre teve um significado, um profundo significado ao longo de todos estes anos. Mas só quando a ouvimos na nossa própria língua, só quando vimos que o bebê que nasceu naquela noite é o grande Deus do Universo, que desceu para viver com homens e mulheres vulgares como nós, é que a vamos compreender. Só quando vimos o Jesus que nasceu a meio do turno da noite é que estaremos prontos para confiar n'Ele como Salvador e para Lhe entregar a nossa vida – vida vivida com suor e sofrimento, alegria e esperança e trabalho, sim, mesmo com o trabalho no turno da noite.

Esse é o Senhor que nós anunciamos no Natal, a Palavra que Se fez carne e que habitou entre nós, cheia de graça e de verdade. E, juntamente com milhões de Cristãos vulgares em todo o mundo, oro com todas as fibras do meu ser pelo dia em que os reinos deste mundo passarão a ser os reinos do nosso Senhor e do Seu Cristo!



Jesus, o dom de Deus à Humanidade

A maior dádiva
de Deus.



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista



Numa gelada noite de Natal, um homem ouviu umas batidas irregulares contra o vidro da porta exterior da cozinha de sua casa. Ao espreitar por uma janela, rapidamente descobriu a razão do estranho som. Alguns pequenos e enregelados pardais, atraídos pelo calor do interior da cozinha, chovavam em vão contra o vidro da porta, procurando entrar na casa. Tocado pelo sofrimento dos pequenos pássaros, o lavrador vestiu-se e atravessou o pátio coberto de neve para ir abrir a porta do seu celeiro, de modo que os pardais aí pudessem entrar. Ele acendeu as luzes, colocou algum feno num canto e espalhou um trilho de pedaços de bolachas salgadas para atrair os pássaros para o celeiro. Mas os pardais, que se tinham espalhado em todas as direções quando o lavrador saíra de sua casa, mantiveram-se escondidos na gelada escuridão, com medo dele. O homem tentou, então, várias táticas: Colocar-se por detrás do bando de pássaros para os conduzir para o celeiro, atirar migalhas de bolachas na sua direção para os atrair, esconder-se em casa para os levar a entrar no celeiro por si mesmos. Nada resultou. Ele, uma enorme e estranha criatura, tinha-os assustado. Os pássaros não conseguiam entender que, na realidade, ele desejava ajudá-los. O lavrador retirou-se, vencido, para sua casa e pôs-se a contemplar através de uma janela os pardais condenados à morte pelo frio. Estava ele a observar a cena, quando um pensamento repentino o assaltou: Se ao menos eu pudesse tornar-me num pardal, um deles, apenas por um momento, então eu não os as-

O Verbo de Deus tornou-Se homem para que pudesse guiar a Humanidade da condenação da morte para a salvação da vida eterna.

sustaria. Poderia mesmo mostrar-lhes o caminho para alcançarem o calor e a segurança. Ao pensar nisto, o lavrador tomou consciência de que tinha compreendido o princípio basilar da encarnação de Cristo celebrada no Natal.

Um homem tornar-se pássaro nada é, comparado com o facto de Deus tornar-Se humano. A ideia de um Ser Infinito confinar-Se, por Sua vontade, a um corpo humano criado por Ele mesmo é algo de tão extraordinário que chega a ser incompreensível. É este mistério, o mistério da encarnação, que é celebrado no Natal. O Verbo de Deus tornou-Se homem para que pudesse guiar a Humanidade da condenação da morte para a salvação da vida eterna. Jesus, o Salvador, nasceu em Belém para trazer esperança e restauração à raça humana. É a bênção manifestada no nascimento de Jesus que se celebra no Natal que eu quero pôr diante dos seus olhos neste artigo, caro Leitor.

Os anjos e os pastores

O facto de Deus ter escolhido enviar os Seus anjos para revelar a boa-nova sobre o nascimento de Jesus a um grupo de pastores é muito significativo. Com efeito, como classe social, os pastores eram mal-vistos e desprezados pela sociedade judaica do tempo

de Jesus, nomeadamente pela elite religiosa dos Fariseus e dos Saduceus. A natureza da ocupação pastoril impedia os pastores de observarem a lei cerimonial, considerada fundamental pelos Judeus que se tinham na conta de homens religiosos. Os pastores eram também acusados de se apropriarem dos bens de outros, ao servirem-se do fruto do rebanho ou ao utilizarem indevidamente os terrenos de pasto de particulares. Eles não eram considerados fidedignos e, por isso, o seu testemunho não era aceite como válido num tribunal judeu. Portanto, os pastores ocupavam o patamar inferior da escala social na Palestina.

Assim sendo, é extraordinário que a primeira proclamação pública das boas-novas do nascimento do Salvador da Humanidade tenha sido feita aos pastores, representantes dos desprezados pela sociedade judaica. A decisão que Deus tomou de assim fazer foi, claro está, deliberada. Como o dom de Jesus à Humanidade deveria abençoar todos os seres humanos

**Deus quis que esse dom
[Jesus] fosse anunciado
primeiro a um grupo social
que muitos excluíam da
salvação, por os considerarem
especialmente pecadores.
Deus, porém, mostrou desta
forma a toda a Humanidade
que não exclui ninguém da
possibilidade de salvação...**



pecadores que escolhessem aceitá-lo, Deus quis que esse dom fosse anunciado primeiro a um grupo social que muitos excluíam da salvação, por os considerarem especialmente pecadores. Deus, porém, mostrou desta forma a toda a Humanidade que não exclui ninguém da possibilidade de salvação e que a salvação é para todos, especialmente para os pecadores e para os humildes.

“Boas-novas de grande alegria”

O poderoso anjo que apareceu aos pastores explica aos espantados seres humanos que traz boas notícias da parte de Deus, notícias que deverão gerar grande alegria entre aqueles membros do povo de Deus que aguardavam a vinda do Messias, o Salvador da Humanidade. Essas boas-novas são já o Evangelho da salvação dos





Nasceu Aquele que destruirá o domínio do Príncipe das Trevas sobre a Humanidade e sobre o planeta Terra!

cos (Mateus, Marcos e Lucas), mas ele era familiar aos Judeus e aos povos helenizados. O termo em grego é *Sóter* e significa “alguém que cura”, “que liberta”, “que faz bem aos homens”. Era um termo usado frequentemente no Império Romano a respeito dos grandes homens da época de Jesus. Por exemplo, César Augusto, o imperador romano que reinava quando Jesus nasceu, era frequentemente proclamado como *Sóter*, isto é, “salvador” dos homens.

O título grego “Cristo” – *Christos* – significava o mesmo que o título hebraico “Messias” – *Mashiah*. O Messias era o homem “ungido” ritualmente por Deus para governar como rei sobre o povo de Deus, em cumprimento das promessas de Deus feitas a David. Os Judeus do tempo de Jesus aguardavam com impaciência a vinda desse “Ungido” enviado por Deus. Ele era a Esperança suprema de Israel, desejada por todo o Judeu fiel e crente.

O título grego “Senhor” – *Kúrios* – é a palavra usada na tradução dos *Setenta*, a antiga tradução grega do Velho Testamento, para substituir o nome sagrado de Deus – *YHWH* – e, portanto, é a palavra usada para designar o próprio Deus. Assim, ao usar este título para designar Jesus, o anjo indica já a natureza divina do bebê nascido

homens por Cristo Jesus. O Messias nasceu hoje, diz o anjo aos espantados pastores. Nasceu Aquele que será vencedor da morte. Nasceu Aquele que quebrará as correntes da escravidão do pecado que acorrentam os seres humanos. Nasceu Aquele que destruirá o domínio do Príncipe das Trevas sobre a Humanidade e sobre o planeta Terra. Não são estas verdadeiramente boas-novas de grande alegria também para nós, hoje?

“O Salvador, que é Cristo Senhor”

O anjo enviado por Deus torna bem claro na sua mensagem que o bebê Jesus, cujo nascimento comemoramos na noite de Natal, é o Salvador, que é Cristo Senhor. Cada um destes três títulos é significativo.

O título “Salvador” é apenas empregue aqui nos Evangelhos Sinóti-



em Belém. Jesus é Deus feito homem, diz o anjo à Humanidade.

“Glória” e “Paz”

Após o poderoso anjo ter anunciado o nascimento de Jesus em Belém, “apareceu uma multidão do exército celeste”. Imagine a glória desta cena! Milhares de anjos fulgurantes juntam-se à proclamação sobre o nascimento de Jesus, ou seja, sobre o nascimento em forma humana do seu Comandante Celestial. A mensagem que trazem é uma mensagem de esperança: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens a quem ele quer bem!”

Dar glória a Deus pelo nascimento de Jesus é inteiramente apropriado, pois é graças ao Salvador dado por Deus à Humanidade que os seres humanos podem ter uma segunda oportunidade de vida eterna e de felicidade sem fim. Portanto, é inteiramente adequado que, em especial no Natal, possamos glorificar o nome de Deus e a misericórdia de Deus para conosco. Nós temos uma dívida de gratidão para com Deus! Que a possamos reconhecer através do louvor que Ele merece.

A promessa de “paz na terra aos homens a quem Deus quer bem” deve também alegrar-nos. Estes seres humanos a quem é prometida a paz de Deus somos nós! Nós, que aceitámos o Salvador Jesus como Cristo de Deus e nosso Senhor. Nós, os crentes, somos os homens e as mulheres a quem Deus quer bem. E para estes é prometida a paz de Deus. Esta paz dada aos homens advém do facto de estes serem justificados pela fé no Salvador que

nasceu em Belém. A justificação põe-nos em harmonia com Deus e com o Governo do Universo que Ele dirige, tornando-nos cidadãos do Reino dos Céus e membros da família de Deus.

Assim, foi desta forma que os anjos celebraram com alegria o presente oferecido por Deus à Humanidade na noite de Natal. Tinham toda a razão para celebrar, pois Jesus, o bebé de Belém, é, sem dúvida, o melhor presente que o Criador poderia ter dado à raça humana.

Conclusão

A Senhora Thompson era professora do Ensino Preparatório. Todos os anos,





Jesus, o bebê de Belém, é, sem dúvida, o melhor presente que o Criador poderia ter dado à raça humana!



dizia aos seus alunos: “Eu gosto de todos vocês do mesmo modo. Não tenho favoritos.” Mas, ela não estava a ser completamente honesta. Os professores realmente têm sempre favoritos e, o que é pior, a maioria dos professores tem alunos dos quais não gosta. Teddy Stallard era uma criança de que a Senhora Thompson simplesmente não gostava. Ele não parecia estar interessado na escola. Tinha sempre uma expressão apagada e desanimada. O olhar dele era vidrado e vago. Quando ela falava com Teddy, ele simplesmente encolhia os ombros. As suas roupas eram desalinhadas e o seu cabelo estava mal cortado. Não era uma criança que atraísse o olhar ou a simpatia.

Sempre que corrigia os testes de Teddy, a Senhora Thompson tinha um certo prazer perverso em colocar uma cruz ao lado das respostas erradas. Quando dava a nota de “Mau” aos testes, ela fazia-o com satisfação. Mas, ela deveria ter pensado melhor antes de se comportar assim. A Senhora Thompson tinha na sua posse os registos escolares de Teddy e sabia mais sobre ele do que queria admitir. Nos registos lia-se: “Primeiro Ano: Teddy mostra ser um menino promotor e trabalhador, mas

tem problemas no lar. Segundo Ano: Teddy podia fazer melhor. A mãe está gravemente doente. Ele recebe pouca ajuda em casa. Terceiro Ano: Teddy é bem-comportado, mas muito sisudo. Aprende com dificuldade. A sua mãe morreu este ano. Quarto Ano: Teddy é muito lento na aprendizagem, mas porta-se bem. O pai não mostra qualquer interesse por ele.”

No Natal desse ano, os alunos da turma da Senhora Thompson trouxeram-lhe presentes, amontoaram-nos em cima da secretária dela e colocaram-se à volta da secretária para ver a professora desembrulhá-los. Entre os presentes havia um de Teddy Stallard. Ela ficou surpreendida por ele se ter lembrado dela. A prenda de Teddy estava embrulhada em papel de merceria castanho unido por fita-cola. No papel estava escrito: “Para a Senhora Thompson, de Teddy.” Quando ela abriu o presente de Teddy, descobriu uma pulseira de bijutaria a que faltavam algumas contas de vidro e um frasco de perfume barato. As outras crianças reagiram imediatamente com risinhos e sorrisos de gozo por causa dos presentes de Teddy, mas a professora teve o bom senso de as silenciar ao colocar a pulseira e ao pulverizar um pouco de perfume no seu pulso. Levantando o pulso para que as outras crianças pudessem sentir o odor, ela disse: “Cheira muito bem, não cheira?” Todas as outras crianças imediatamente concordaram com a professora.

Quando tocou para a saída e todas as crianças saíram, Teddy ficou para trás. Ele aproximou-se len-



tamente da secretária da professora e disse-lhe suavemente: “Senhora Thompson, cheira mesmo como a minha mãe... E a pulseira dela fica muito bonita no seu pulso. Fico contente por ter gostado dos meus presentes de Natal.” Quando Teddy saiu, a senhora Thompson ajoelhou-se e pediu a Deus que a perdoasse.

No dia seguinte, quando as crianças vieram para a escola, foram recebidas por uma nova professora. A Senhora Thompson tinha-se tornado numa pessoa diferente. Já não era apenas uma professora, tinha-se tornado numa representante de Deus, empenhada em amar as suas crianças. Ela ajudou todas as crianças, mas sobretudo as mais lentas em aprender e especialmente Teddy Stallard. No fim desse ano escolar, Teddy tinha progredido imenso. Ele terminou o ano com notas no meio da tabela.

Depois que o ano escolar acabou, a Senhora Thompson não teve mais notícias de Teddy durante muito tempo. Então, um dia, ela recebeu um pequeno bilhete que dizia: “Querida Senhora Thompson, quero que seja a primeira a saber que vou terminar o 12º ano como o segundo melhor aluno da minha turma. Com amor, Teddy Stallard.” Quatro anos depois, chegou outro bilhete: “Querida Senhora Thompson, disseram-me que eu irei terminar o curso como melhor aluno da minha turma. Quero que seja a primeira a saber. A Universidade não foi fácil, mas tive aqui quatro bons anos. Com amor, Teddy Stallard.” E quatro anos mais tarde, um outro bilhete chegou, que dizia: “Querida Senhora

*... viver autenticamente o
Natal é vivê-lo segundo os
princípios de Jesus!*



Thompson. A partir de hoje eu sou Theodore Stallard, Médico diplomado. Então, o que me diz a isto? Eu queria que fosse a primeira a saber. Vou casar-me no próximo mês, no dia 27. Quero que venha ao meu casamento e se sente no lugar de honra em que a minha mãe se sentaria, caso fosse viva. Você é a única família que me resta. O meu pai morreu no ano passado. Com amor, Teddy Stallard.”

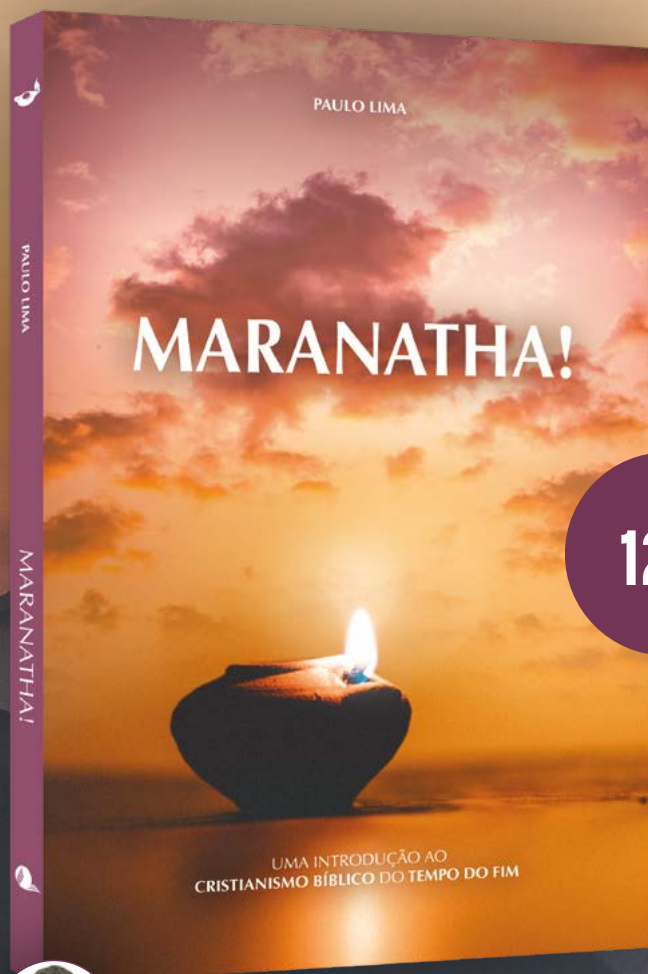
A Senhora Thompson foi ao casamento e sentou-se onde se sentaria a mãe de Teddy. Ela merecia ocupar esse lugar. Tinha feito algo por Teddy que ele jamais poderia esquecer. Em resposta a uma pequena prenda de Natal, a Senhora Thompson tinha-se transformado numa mulher melhor e tinha transformado a vida de uma criança sem esperança.

Caro Leitor, viver autenticamente o Natal é vivê-lo segundo os princípios de Jesus. É procurar dar aos que nos rodeiam um presente de amor e de esperança, por mais simples que este seja, da mesma forma que Deus deu um presente de esperança e de amor à Humanidade ao oferecer-lhe Jesus. Esse presente que podemos dar aos que nos cercam poderá ser tão simples quanto um sorriso amigo ou um abraço fraterno. Desde que esse presente represente o amor de Jesus por cada ser humano, ele será sempre o melhor presente do mundo!





Adquira já!



12€

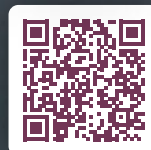


AUTOR:
Paulo Lima

Compre aqui:



Mensagem
do autor:



O aniversário do Messias

Podemos saber em que data verdadeiramente nasceu Jesus?



Wilian Cardoso
Pastor

Enquanto seres vivos, seguimos um ciclo de vida padronizado: Nascemos, crescemos, reproduzimo-nos e, finalmente, morremos. Destes estágios da vida, um dos mais marcantes é o dia do nascimento. Em geral, a esse episódio damos o nome de “aniversário”, palavra latina que significa “retorno anual” (*anni + versus*). É o dia em que comemoramos um evento passado que ocorreu na mesma data. Trata-se de uma ocasião de muita alegria e de lembranças felizes.

Um aniversário que não queremos esquecer é o do Messias, pois assinala o momento em que Cristo veio ao mundo como um de nós. Damos o nome de “Natal” a esse evento marcante. 25 de dezembro é uma antiga data em que boa parte do mundo para a fim de celebrar o nascimento de Jesus.

O aniversário de Jesus tem sido, há muito, comemorado no dia 25 de dezembro. Contudo, será essa a verdadeira data do aniversário de Cristo? Como a podemos determinar? A Bíblia poderia ajudar-nos a inferir uma data provável para o nascimento do Salvador?

Dezembro

Os Evangelhos não indicam o dia do nascimento de Cristo nem nos dão evidências explícitas para nos permitir chegar a uma data precisa. No entanto, apesar da tradição, o dia 25 de dezembro tem sido posto em causa pelos teólogos enquanto data do nascimento de Jesus.

Clemente de Alexandria (150-217 d.C.), escritor e teólogo cristão da Igreja pós-apostólica, menciona que já

na sua época as pessoas procuravam uma data para celebrar o nascimento de Jesus, mas não cita a data de 25 de dezembro. A primeira fonte a declarar o dia 25 de dezembro como sendo a data do aniversário de Jesus foi Hipólito de Roma (170-236 d.C.), que tomou como base o equinócio da primavera (25 de março) para o período de concepção de Jesus e o solstício de inverno (25 de dezembro) para o Seu nascimento.

Muitos creem que, mesmo antes dos séculos IV e V d.C., o nascimento de Jesus já era associado com a primavera. Contudo, o dia 25 de dezembro foi escolhido e começou a ser celebrado de modo definitivo pelo Papa Libério em 354 d.C.. O solstício de inverno – o dia mais curto do ano – era considerado o dia do nascimento do Sol invencível (*natalis solis invicti*, em latim), visto que, a partir desse momento astronómico, a luz solar começa a incidir com mais intensidade sobre a Terra. Vários deuses pagãos tinham o seu nascimento celebrado nesse dia: Mitras, Hórus, Átis, Dionísio e outros.

Infelizmente, muitos ritos pagãos relacionados com a divindade solar foram incorporados, pouco a pouco, na rotina da Igreja Cristã e ainda são

Um aniversário que não queremos esquecer é o do Messias, pois assinala o momento em que Cristo veio ao mundo como um de nós.



praticados nos dias de hoje, adotando-se para eles um significado bíblico e cristão. O aniversário de Jesus parece ser um deles, o que não significa necessariamente que devamos deixar de o celebrar.

Pistas

Sendo os seres humanos curiosos por natureza, queremos saber se é possível datar o nascimento de Cristo de alguma forma. Para nossa alegria e surpresa, os Evangelhos apresentam algumas pistas que podem ajudar a decifrar o enigma e a marcar uma data provável para esse acontecimento.

A primeira pista encontra-se em Lucas 2:8, texto em que nos é dito que, no dia do nascimento de Jesus, havia nas redondezas pastores que cuidavam de rebanhos. Em Israel, o período de dezembro a fevereiro compreende a estação de inverno. Portanto, seria improvável que estivessem pastores nos campos durante essa época de intenso frio. Mais comum seria encontrá-los entre o início de março e o início de outubro.

Da mesma forma, estaria muito frio para que o governo exigisse que os cidadãos viajassem a fim de registrar os seus nomes no censo (Luc. 2:1-5). Seria mais óbvio e inteligente aproveitar uma das três festas de peregrinação (Lev. 16:16 e 17), época em que havia grande aglomeração de Judeus em Jerusalém. Portanto, podemos excluir com segurança dos nossos cálculos o período que vai de dezembro a fevereiro.

A segunda pista encontra-se em Lucas 1:5. Este texto menciona Zacarias (pai de João Batista), um sacerdo-

Para nossa alegria e surpresa, os Evangelhos apresentam algumas pistas que podem ajudar a decifrar o enigma e a marcar uma data provável para esse acontecimento.

te do “turno de Abias”. Durante o seu reinado, David tinha dividido os sacerdotes em 24 grupos de acordo com as suas famílias (I Cró. 24:1-4), a fim de organizar o serviço do santuário. A sequência dos turnos foi determinada por meio da sorte (I Cró. 24:7-19), permanecendo a família de Abias no 8º turno (I Cró. 24:10). Cada grupo iniciava as suas atividades no Sábado e terminava o turno ao completar sete dias (II Cró. 23:8; I Cró. 9:25). O primeiro turno começava o seu trabalho a partir da primeira semana do primeiro mês do calendário judaico, chamado *Nisã*, e assim se seguia consecutivamente até se iniciar um novo ciclo. Contudo, durante o período das três grandes festas (Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos), todos os 24 grupos deviam apresentar-se ao serviço. Desta forma, o 8º turno (o “turno de Abias”) exerceria as suas atividades após a festa de Pentecostes, por volta do segundo Sábado do mês de *Sivan* (o 3º mês, equivalente a maio/junho).

O relato bíblico informa-nos ainda de que, acabado o turno de Zacarias, em poucos dias a sua esposa concebeu João. Assim, se o turno de Zacarias começou no segundo Sábado, então



terminaria durante o terceiro sábado de *Sivan*. Acrescentamos os nove meses de gestação de Isabel e chegamos ao início do 1º mês (*Nisā*). (Convém lembrar neste ponto que o calendário judaico é lunissolar, ou seja, os meses seguem o ciclo lunar e os anos o ciclo solar.) Diante deste dado, poderíamos inferir que João possivelmente nasceu na época da Páscoa. Isto seria bastante apropriado, pois durante a cerimônia pascal esperava-se que Elias retornasse

... seria improvável que estivessem pastores nos campos durante essa época de intenso frio. Mais comum seria encontrá-los entre o início de março e o início de outubro.

anunciando a vinda do Messias (Mal. 4:5). Ainda hoje, na cerimônia judaica da Páscoa, os Judeus reservam um lugar à mesa para o profeta. Isto estaria em conformidade com a tradição judaica e com os Evangelhos, nos quais João Batista é identificado como a personificação de Elias (Luc. 1:17; Mat. 17:10-13).

A terceira pista encontra-se em Lucas 1:26 e 27, 36, trechos em que se refere o período de gestação em que se encontrava Isabel. Ao informar Maria de que ela conceberia um filho, o anjo Gabriel mencionou que o tempo de gravidez de Isabel era de seis meses. Portanto, se a concepção de Jesus por Maria ocorreu naquela ocasião, João Batista seria seis meses mais velho do que Jesus. Com este dado podemos calcular a data de concepção de Jesus e, portanto, o Seu nascimento.



Contando seis meses após a concepção de João Batista por Isabel, chegaríamos ao fim do 9º mês (*Kislev*, equivalente a novembro/dezembro), época da Festa de *Hanukkah* (“A Dedicção”), também chamada “Festa das Luzes”, que se inicia no dia 25 de *Kislev* e é observada durante oito dias (I Macabeus 4:59). Curiosamente, Jesus é descrito no Evangelho de João como sendo a luz do mundo (Jo. 1:4-9; 8:12; 9:5; 12:46).

Se adicionarmos nove meses à data de concepção de Jesus por Maria, chegaremos ao início do mês de *Tishri* (7º mês, equivalente a setembro/outubro). Para sermos mais precisos, tomemos o nascimento de João Batista como sendo na Páscoa (14/15 de *Nisā*); adicionando seis meses chegamos a 15 de *Tishri*, precisamente o primeiro dia da Festa dos Tabernáculos (Lev. 23:34).

A última pista vem de Lucas 3:23 e relaciona-se com o início do ministério de Jesus. Ele tinha 30 anos quando iniciou o Seu ministério, a idade mínima necessária para ministrar como sacerdote (Núm. 4:3). Se, ao completar 30 anos, Jesus foi logo batizado, dando início ao Seu ministério, então, assumindo que esse ministério durou três anos e meio, e culminou na cruz (14 de *Nisā*, a Páscoa), retrocedendo ou adicionando seis meses, chegamos novamente ao início da Festa dos Tabernáculos.

Festa

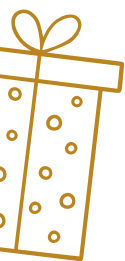
Como foi mencionado, o Evangelho de João é aquele que mais relaciona os episódios da vida e da obra de Jesus com as práticas e crenças ligadas às festas

judaicas. Portanto, não seria de admirar que ele estabelecesse uma relação entre o nascimento de Cristo com a Festa dos Tabernáculos. E, de facto, ele fez isso mesmo.

Em João 1:14, o autor emprega uma expressão incomum no Novo Testamento: O verbo grego *skenoo*, usado apenas cinco vezes, e todas elas dentro dos escritos joaninos (Jo. 1:14; Apoc. 7:15; 12:12; 13:6; 21:3). Ele menciona que “o Verbo se fez carne e habitou [*eskênôsen*] entre nós”. Mais do que habitar, esse verbo significa literalmente “armar a tenda”, “tabernacular”, e é a mesma palavra grega usada na *Septuaginta* para traduzir o termo hebraico *sukot*, o qual, por sua vez, refere as cabanas usadas na Festa dos Tabernáculos. João também parece ter escolhido o verbo *skenoo* para reproduzir tanto a ideia como o som da palavra hebraica *shekinah*, usada na tradição judaica para referir a habita-



**Na tradição judaica,
é comum um
nascimento ou um
evento marcante
na história do povo
estar relacionado
com um período
festivo.**



ção divina ou a permanência do Senhor dentro do Seu Tabernáculo ou Santuário (o *mishkan*).

Na tradição judaica, é comum um nascimento ou um evento marcante na história do povo estar relacionado com um período festivo. Não seria estranho, portanto, que o nascimento e a morte de Jesus estivessem relacionados com eventos festivos. E talvez não seja mera coincidência João ter iniciado o seu Evangelho (João 1:4-9) falando de Jesus como sendo a luz do mundo, principal característica da Festa de *Hanukkah*, e afirmando que Ele veio “tabernacular” (João 1:14) com a Humanidade, referindo-se assim à principal característica da Festa dos Tabernáculos.

A *Hanukkah*, apesar de não ser uma festa mosaica, foi a última festa a ser instituída. Marcou um episódio importante para o povo judeu e foi um evento necessário para a chegada do Messias. De facto, para que o segundo templo tivesse

maior glória do que o primeiro (Ageu 2:9), precisava de ser restaurado e dedicado, a fim de que a presença visível de Deus preenchesse o seu espaço outrora profanado.

A Festa dos Tabernáculos era a sétima e a última festa mosaica (Lev. 23:33-43). Comemorava o momento em que Deus habitou com o povo de Israel, o sustentou e o protegeu. Uma festa em que a alegria não era apenas algo propício, mas era mandatada pelo Senhor (Lev. 23:40; Deut. 16:14 e 15). A Festa de *Hanukkah* e a Festa dos Tabernáculos têm uma forte conexão, sendo a *Hanukkah* considerada uma segunda Festa dos Tabernáculos (II Macabeus 1:9, 18; 10:6 e 7).

Em Zacarias está escrito: “Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos.” E João acrescentou: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará [*skênôsei*] com eles. Eles serão povos de Deus e o mesmo Deus estará com eles” (Apoc. 21:3).

Esta será a última grande festa a ser celebrada. Da Páscoa ao Dia das Expiações, todas as festas judaicas alcançaram a sua plenitude e o seu cumprimento na vida e na obra de Cristo. Apenas a Festa dos Tabernáculos permanecerá como festival eterno. E nesse dia não precisaremos mais do Sol e da Lua, porque o Cordeiro será a nossa luz (Apoc. 21:23; 22:5). A lembrança do Seu nascimento será celebrada para sempre – o aniversário do eterno Emanuel!



Deus Connosco O Seu presente é a Sua Presença



Emanuel: O Presente de Deus à Humanidade!

Ed Dickerson

*Licenciado em
Educação Religiosa pela
Universidade Andrews*

É difícil exprimir tanta melancolia em tão poucas palavras. Há situações em que sentimos mais medo, mais dor ou mais indignação. Mas haverá alguma coisa mais triste do que estar separado da família e dos amigos no período do Natal? No Natal, mais do que em qualquer outra época do ano ou mais do que noutra festa qualquer, ansiamos encontrar as pessoas que amamos.

O Natal é, também, a época dos presentes. Mas todos desejamos mais passar tempo em companhia de outras pessoas do que a trocar presentes. Emerson dizia: “O único presente que conta é a oferta de si mesmo.” O mais belo presente é ter no coração a pessoa a quem se oferece alguma coisa, ainda que a vida nos separe no decorrer do ano. Estar presente é sempre mais importante do que oferecer presentes.

Talvez essa noção de presença explique a razão por que tantas pessoas sofrem de depressão nesta época do ano, que devia ser, normalmente, um

período de alegria. Para certas pessoas, a atmosfera de Natal apenas põe em evidência o facto de elas não terem nenhum lugar para ir, ninguém com quem viver esses momentos de festa. O Natal é um parêntesis no meio deste período de atividade intensa que anestesia o sofrimento da sua solidão durante o resto do ano. Outras pessoas passam o ano inteiro a pensar nesta festa anual e a prepará-la. Mas acabam por perceber que a proximidade física dos seus parentes só salienta o seu isolamento emocional. Muitas dessas pessoas sofrem amargamente de solidão, quando, na realidade, estão rodeadas de pessoas nesta época de reuniões familiares. Algumas chegam mesmo a sentir desespero.

Felizmente, o desespero causado pela separação física ou emocional pode ser aliviado quando nos apercebemos da presença de Deus, que está no âmago deste período de Natal. Mateus introduz esse conceito: “Eis

Estar presente é sempre mais importante do que oferecer presentes.

que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamar-lhe-ão Emanuel, que traduzido quer dizer: Deus conosco” (Mat. 1:23). Esta é a mensagem do Natal: Nunca estamos sozinhos, porque Deus está conosco!

Na Criação, Adão e Eva falavam com Deus face a face. Depois, a sombra do pecado abateu-se sobre essa relação íntima, e separou-os. Lemos em Isaías 59:2: “Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça.”

Depois da saída do Jardim do Éden, o povo afastou-se de Deus. A separação tornou-se mais profunda, e as libertações sucessivas, bem como as exortações repetidas por meio dos profetas, não conseguiram inverter essa tendência. Só a intervenção divi-

na podia reconciliar e reunir Deus com os humanos. O acontecimento que celebramos no Natal representa a solução final de Deus para essa separação, o Seu remédio para reparar a brecha na nossa relação. C. S. Lewis escreveu que o Cristianismo é uma religião “em que não se teria pensado”. A época do Natal é uma demonstração dessa afirmação. Porque Deus não Se limitou a aparecer entre os homens. Deus tornou-Se homem. À força de ouvir esse relato, esquecemos a incrível audácia desse acontecimento. Algumas das afirmações de Cristo chocaram os homens. A fim de melhor compreendermos essa solução extraordinária proposta por Deus, vamos refletir por etapas.

Esse Presente É Deus

Deus. Jesus é Deus, sobre isso não há a menor dúvida. O Evangelho de João fala de Cristo como sendo o Filho de Deus. Fabricamos robôs, criamos programas informatizados para automóveis, escrevemos roman-



ces – são coisas fundamentalmente diferentes de nós próprios. Em contrapartida, geramos filhos, que têm exatamente a mesma natureza que nós. Descrever Jesus como sendo o Filho unigénito de Deus indica que Ele é o único a ter a mesma natureza que o Pai. Todos aqueles que escolhem Deus como Pai são, acertadamente, chamados “filhos de Deus” (I João 3:1), mas somos filhos adotados e não gerados por Ele.

Certas pessoas têm uma compreensão errada do termo gerar e pensam que isso implica que houve um tempo em que Deus não existia. O próprio Jesus resolveu essa questão, no momento de uma discussão com os Judeus. “Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão? Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou” (João 8:57 e 58). “Eu Sou” foi o nome com que Deus Se apresentou a Moisés, no episódio da sarça ardente, o que salienta bem a existência eterna de Deus. Os chefes judeus demonstraram claramente que tinham entendido a afirmação de Jesus dizendo que era Deus, porque Lhe atiraram pedras para O castigarem por blasfêmia.

A vida que possuímos vem de fontes exteriores a nós mesmos. Os nossos pais deram-nos a vida e essa vida continua graças a agentes que estão fora do nosso controlo. Como diz Paulo, “Porque nele [em Deus] vivemos, e nos movemos, e existimos” (Atos 17:28). Não foi esse o caso de Jesus. Ele tinha a vida em Si mesmo, tal como Deus tem. Jesus foi claro a



esse respeito, quando declarou o que se segue, a propósito da Sua própria morte iminente e da Sua ressurreição: “... o Pai me ama, porque dou a minha vida para tomar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu, de mim mesmo, a dou; tenho poder para a dar, e poder para tomar a tomá-la” (João 10:17 e 18). Nenhum ser humano poderia fazer esta declaração ou realizar a mesma coisa. Só um ser tendo a mesma natureza eterna de Deus, Ele mesmo Fonte de vida, podia fazer uma coisa assim.

Ellen G. White, no seu livro *O Desejado de Todas as Nações*, afirma:

Os contemporâneos de Jesus duvidavam da Sua divindade, mas nunca puseram em questão a Sua humanidade. Sabemos que Ele levou a mesma vida que nós, em todos os aspetos.





“Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada” (p. 481, ed. P. SerVir).

O Evangelho de João afirma que Jesus é o Criador: “Todas as coisas foram feitas por ele e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (João 1:3). Jesus demonstrou de que maneira controlava os elementos, ao acalmar a tempestade no Mar da Galileia, e ao transformar a água em vinho (Mat. 8:26; Marcos 4:39; João 2:1-11).

Esse Presente É Humano

Nós. Os contemporâneos de Jesus duvidavam da Sua divindade, mas nunca puseram em questão a Sua humanidade. Sabemos que Ele levou a mesma vida que nós, em todos os aspectos. Sentiu fome, sentiu cansaço, sede, dor, cólera e amor. Sentiu muita tristeza, porque carregou a nossa juntamente com a Sua. Era tão humano que muitos dos Seus contemporâneos não conseguiram conceber que Ele fosse Deus. Quando curava pessoas e fazia milagres, os que O observavam, invejosos, utilizavam a Sua humanidade

para O humilhar: “Não é este o filho do carpinteiro?” (Mat. 13:55.)

Porque é que foi necessário que Jesus fosse esse Ser misterioso, único, ao mesmo tempo plenamente Deus e plenamente homem? Porque Deus sabia que esse era o único meio de construir uma ponte por cima do abismo criado pelo pecado, e de combater o vazio entre Deus e os homens, causado pela nossa incredulidade.

Porque é Deus, Jesus pôde explicar Deus aos seres humanos. Lembrem-se de que, após o pecado de Adão e Eva, os seres humanos afastaram-se de Deus. Porque demos ouvidos às mentiras de Lúcifer, destruimos a nossa relação com Deus e deixámos de confiar n'Ele. Jesus veio mostrar-nos o Pai – e, em especial, o amor do Pai (João 14:6-9; I João 3:1). Jesus é o Filho unigénito de Deus e compreende o coração de Deus.

Porque viveu como ser humano, pode transmitir-nos esse amor de modo que o possamos compreender. O amor que Jesus manifestou na Sua vida dá-nos segurança e destrói as nossas dúvidas quanto à atitude do Pai para connosco. A Sua experiência como ser humano permite-Lhe compreender as nossas tentações e as nossas lutas, e enche-O de compaixão para connosco. Essa experiência permite que Jesus nos comunique a graça e o amor de Deus de maneira a responder às nossas necessidades. Porque Ele mesmo conheceu o sofrimento, compreende o nosso e sabe aquilo de que necessitamos para vencer a adversidade. A Sua experiência humana permite-Lhe, igualmente, transmitir



as nossas necessidades e as nossas lutas ao Pai. A epístola aos Hebreus diz-nos que Cristo intercede por nós junto do Pai, transmitindo-Lhe as nossas necessidades e obtendo a Sua graça (Hebreus 7:25).

Jesus é uma Ponte viva que nos permite atravessar o abismo que nos separava do Pai. Através de Cristo, o Pai pode compreender a experiência humana e pode comunicar-nos o Seu amor. Através de Cristo, temos a certeza de que o Pai nos ama e Se preocupa connosco. A certeza de que o Pai nos ama é um presente maravilhoso! Mas recebemos uma coisa ainda mais maravilhosa!

Esse Presente É Permanente

Deus Connosco. Por vezes, esquecemos que o presente que Deus nos ofereceu é permanente. É fácil pensarmos que Jesus só foi homem durante os trinta e três anos em que viveu na Palestina. É difícil acreditarmos que Deus não nos “emprestou” o Seu Filho, para O recuperar para Si depois de Ele ter servido durante algum tempo como ser humano. Cristo aceitou tornar-Se num ser humano, sabendo de antemão que era uma viagem de ida sem regresso possível. Só tendo

Cristo aceitou tornar-Se num ser humano, sabendo de antemão que era uma viagem de ida sem regresso possível.

isto em mente é que começamos a entrever o alcance espantoso do presente que recebemos em Jesus Cristo. “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu” (Isaías 9:6). Cristo tornou-Se humano para toda a eternidade. Em Jesus, Deus e homem estão unidos por toda a eternidade.

Uma vez que tenhamos compreendido o dom imenso da presença de Deus, deixamos de dar, como fizeram os reis magos. Mas celebramos o nascimento de Jesus, o dom imenso de Deus! Ao reunirmo-nos no Natal, celebramos a reunião de Deus com o Homem para toda a eternidade! O acontecimento que festejamos no Natal representa o antídoto final de Deus contra a solidão. A tomada de consciência dessa verdade incrível incitou o apóstolo Paulo a escrever: “Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principais, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8:38 e 39).

Unidos para sempre na Pessoa de Cristo, Deus e o Homem nunca mais poderão ser separados. Deus está connosco! O Seu presente é a Sua presença! Para sempre!



A história de Maria

O Natal vivido pela mãe de Jesus.

—
Carmen Seibold
Teóloga

Há dois mil anos vivia uma jovem rapariga judia. Pouco sabemos sobre ela. Mas não podemos ser censurados por isso, pois pouco ficou registado para que o pudéssemos saber. Dos quatro Evangelhos que relatam a vida de Jesus, apenas o Evangelho de Mateus e o Evangelho de Lucas nos informam sobre o Seu nascimento. O resto do Novo Testamento raramente o menciona, embora Marcos faça notar que o povo de Nazaré chamava a Jesus “o filho de Maria” (Marcos 6:3) – provavelmente chamavam-n'O assim para O insultarem, ao fazerem notar a questionável identidade do Seu pai.

E, assim, a figura de Maria desvanece-se no pano de fundo da bem conhecida história natalícia: Uma mu-

lher comum de belas feições que se curva sobre a manjedoura no presépio, adorando o Bebé que é dela e que, no entanto, não o é.

Jovem e inocente

Maria foi, provavelmente, mãe muito jovem. No seu tempo, as raparigas casavam-se no início da adolescência. Ela era certamente analfabeta; não era permitido às raparigas frequentarem a escola. Assim sendo, qualquer que fosse a formação que ela tivesse, esta estava limitada às tarefas que ela precisaria de conhecer para criar uma família. E o que quer que fosse que ela conhecesse das Escrituras, teria aprendido com os seus pais e por frequentar os serviços de culto da Sinagoga.



Ela entra na história como “uma virgem, desposada com um varão, cujo nome era José, da casa de David” (Lucas 1:27). Como uma moderna noiva real inglesa, ela parece ter sido escolhida não tanto pelo que traria à sua função, mas pelo que não trouxe. Nada no seu passado maculava a história. Ela era apenas jovem e inocente.

O anjo Gabriel apareceu a Maria. Ela estava assustada, embora as primeiras palavras do anjo lhe assegurassem de que era “agraciada” e de que o Senhor era com ela.

O que Gabriel lhe disse em seguida foi certamente perturbador: Ela iria conceber o Filho de Deus. É um vislumbre pungente da sua simplicidade que tenha ficado estupefacta diante do problema prático: “Como se fará isto, visto que não conheço varão?” (Lucas 1:34.) Quando o anjo revelou os milagres que estavam prestes a ocorrer, Maria aceitou a vontade de Deus de modo exemplar: “Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lucas 1:38).

Na nossa extrema familiaridade com a história do Natal, presumimos que os personagens estão confiantes no seu destino ordenado por Deus. O facto de se falar com um anjo não faria

qualquer questão desaparecer? Mas, nesta história há indícios de que as ações de Deus são complexas de mais para os seres humanos as compreenderem de uma vez só. Ao longo de todo este milagre, Maria tem de renovar repetidamente a sua confiança em Deus. A memória da visita de um anjo não remove os seus problemas.

O lado escuro

A pergunta de Maria ao anjo acerca da concepção de Jesus tem um lado muito escuro. A Bíblia não nos diz se ela teve a coragem de ser ela mesma a contar a José acerca da sua gravidez. O texto sagrado diz apenas que “achou-se ter [ela] concebido” (Mateus 1:18).

Mas, quando José descobriu a gravidez, retirou precipitadamente a única conclusão aparentemente possível: Maria tinha dormido com outro homem. Na verdade, é um sinal da bondade de José o facto de ele ter decidido “deixá-la secretamente” (Mateus 1:19).

O noivado judeu dessa época era um contrato legal anulável apenas pelo mesmo processo que dissolvia um casamento. O facto de José optar por um procedimento legal discreto não era simplesmente destinado a evitar envergonhar Maria. Ele poupou a vida dela. Pois José tinha o direito legal de tomar uma ação mais drástica – ele podia fazer com que ela fosse julgada publicamente e apedrejada até à morte (veja Deuterónimo 22:23 e 24).

Maria deve ter sofrido bastante enquanto o seu destino estava a ser decidido. Ela continuou a sofrer mesmo depois disso, pois, embora já não tives-

**Ao longo de todo
este milagre, Maria
tem de renovar
repetidamente a sua
confiança em Deus!**



se que enfrentar uma execução, ela teria que continuar a suportar durante o resto da sua vida o estigma de uma gravidez ilegítima. Embora Deus lhe tivesse revelado o significado celestial da sua experiência, Maria teria de viver em circunstâncias muito pouco celestiais.

Maria experimentou num grau extremo aquilo que todos nós experimentamos. Mesmo quando temos as promessas de Deus – como todo o crente tem –, o nosso percurso de vida permanece escondido. As voltas e reviravoltas da vida frequentemente fazem-nos perguntar se, de facto, Deus está no controlo. Ele age na nossa vida, mas Ele é um Deus surpreendente. Talvez se tivéssemos todas as respostas que queremos nos esquecêssemos de depender d'Ele. Maria tinha apenas algumas das respostas, pelo que podemos somente imaginar quantas lágrimas ela chorou e quantas orações ela orou, enquanto esperava que o plano misterioso de Deus se realizasse.

Foi necessária uma outra visita do anjo, desta vez a José, para pôr tudo em ordem. José iria honrar o noivado deles. Mas a gravidez não seria pacífica. Já perto do seu termo, Maria foi forçada

a viajar com José para Belém, o seu lar ancestral, devido ao capricho de César Augusto, que tinha ordenado a realização de um censo em todo o vasto império romano. E assim eles partiram para uma viagem de 120 quilómetros.

Os pintores usualmente retratam Maria montada num burro conduzido por José. Mas a Bíblia nada nos diz sobre como eles fizeram a viagem. Sabemos que apenas as pessoas ricas tinham burros, e José e Maria não eram ricos. É possível que eles tenham feito toda a viagem a pé. Podemos presumir que, fosse qual fosse o seu modo de transporte, a viagem levou vários dias – dias horrivelmente desconfortáveis para a grávida Maria. E para completar o horror, quando finalmente chegaram a Belém, não havia alojamento para eles. Tiveram que dormir no estábulo com os animais do estalajadeiro.

Foi ali, no mais humilde dos cenários, que Cristo nasceu. Não retrate na sua mente a cena tal como ela é retratada no seu delicado presépio de porcelana italiana pintada à mão. Aquele lugar era escuro, mal-cheiroso e miserável. Cada detalhe desta história proclama que temos aqui o

oposto do poder. Uma mulher jovem e desconhecida, numa época em que ser mulher significava ser propriedade de um homem. Um pobre casal judeu, quando os Judeus eram um povo pequeno e derrotado. Um homem casado com uma mulher sobre a qual se dizia que teria ficado grávida de um desconhecido antes da sua união – e poucos eram aqueles que conheciam ou admitiam a causa sobrenatural daquela gravidez. O nascimento de um bebé humano num lugar onde animais davam à luz.

Sinais de Humanidade

No entanto, apesar de todos estes indícios, com facilidade falhamos em compreender o que o nosso coração precisa de saber. Olhamos para uma história plena de sinais de Humanidade – e insistimos em ver apenas os sinais da Divindade. Considere-se bem o amor de Deus, dizemos nós, que vai ao ponto de Ele aparecer rodeado da sujidade de animais de estábulo.

Mas o filho de Maria oferece-nos muito mais. Considere-se bem o amor de Deus, que vai ao ponto de Ele Se tornar num pequenino bebé humano!

Como é isto possível? Como pode o poder do Céu ser contido num bebé? Pode alguém explicar-nos isto? Somente Maria! Maria pode explicar-nos isto. Maria é a única pessoa na história que soube que este dom divino era uma criança humana real, que chorava e mamava. Os olhos de Maria são o único par de olhos através dos quais podemos ver que Deus tinha dotado o Seu Filho com tudo do que Ele precisava para compreender, para sempre e eter-



namente, o que significa ser humano.

A humanidade de Jesus é tão difícil de aceitar que alguns Cristãos falham em ver a humanidade plena de Maria e veem-na como sendo quase divina. Outros Cristãos, reagindo defensivamente, ignoram-na. Eles veem qualquer tentativa de exaltação de Maria como uma diminuição da singularidade de Cristo.

Em ambos os casos, que perda! Sem Maria estar completamente no quadro, não podemos conhecer o verdadeiro Jesus. A humanidade de Maria é tão importante para a história do Natal como o é a divindade de Deus. Sem Maria, temos unicamente meia salvação. Desde essa época até ao nosso tempo, as pessoas têm-se debatido para compreender o facto de Cristo ser tanto divino como humano. Podemos atingir com a nossa mente uma ou outra natureza – mas as duas, ao mesmo tempo? Não é verdade que até mesmo o mais pequeno conhecimento superficial do poder divino produz um ser inteiramente sobrenatural?

Contudo, o filho de Maria era um bebé humano real: Pequeno e vulnerável. É isto ofensivo? Então, falhamos em compreender a ofensa da Cruz (veja Gálatas 5:18). Jesus abdicou do



Foto: unsplash Sincerely Media

poder da Divindade. É isso inaceitável? Então, falhamos em perceber o poder que Ele escolheu – o poder da fraqueza.

Um Deus que compreende

Muito do pacote exterior com que apresentamos o Cristianismo enfatiza o Deus onnipotente. Nós construímos igrejas magnificentes e lançamos vastos projetos missionários. Organizamo-nos em Denominações gigantescas, com orçamentos na casa das centenas de milhões de euros. Nos nossos púlpitos poderosos, ministros do Evangelho pregam a vitória, a saúde e a riqueza.

Mas este poder não é suficientemente poderoso. Não é tudo o que o nosso coração precisa de conhecer. O que acontece quando o coração se parte? Quando ficamos doentes? Quando falhamos? Cristo escolheu a fraqueza da Cruz. E porque Ele assim escolheu, nós temos um Deus que compreende as nossas fraquezas.

Conhecemos poucos triunfos. Temos doces bênçãos, mas elas são como rosas entre os espinhos. Na Sua vida terrestre, Jesus também teve poucos triunfos. Ele foi ridicularizado, desprezado, crucificado – Ele era um homem de dores e conhecedor do desgosto. E Ele ainda o é! Em Cristo, Deus está

connosco nas nossas fraquezas e nas nossas limitações. É por isso que devemos amar Maria: Esta rapariga jovem, fraca, humana deu a humanidade ao Salvador do mundo, de modo que Ele pudesse compreender-nos!

Há dois mil anos vivia uma jovem rapariga judia. Ela deu à luz e depois desapareceu, em grande medida, após o primeiro Natal. Sabemos que ela viveu o suficiente para ver o seu filho morrer. Tal como aconteceu com os discípulos de Jesus, ela deve ter sofrido bastante quando a vida d'Ele terminou em aparente fracasso. Para Maria, e para todos os que tinham conhecido Jesus, o significado pleno do que acontecera era difícil de apreender quando a vida prosseguiu segundo o modo habitual.

No entanto, tudo tinha mudado. Jesus tinha vindo.

Lucas diz-nos que, de tempos a tempos, quando Maria tinha vislumbres especiais da divindade de Jesus, ela entesourava-os, “conferindo-os no seu coração” (Lucas 2:19, 51). É isto a história do Natal para nós: Um vislumbre da Divindade revestida de Humanidade, que podemos entesourar e conferir no nosso coração. Esta história apela ao nosso coração quando as luzes festivas lançam o seu brilho e a vida está cheia de boas coisas.

Mas, mais importante, ela apela ao nosso coração quando a vida está cheia de dor e de desapontamento. Em tempos como esses, o nosso coração pode saber que o Filho de Maria é o Deus que está connosco!

O seu coração conhece esta história?!

É isto a história do Natal para nós: Um vislumbre da Divindade revestida de Humanidade, que podemos entesourar e conferir no nosso coração.





SEM PEGADAS NA NEVE



Jeris Bragan
Escritor free-lancer

*Retirado da Adventist
Review de dezembro de 2019.*



No princípio da tarde de terça-feira, 11 de dezembro de 1951, a neve começara a cair copiosamente sobre a quinta dos Hall, seis quilômetros a norte de Lisbon Falls, no Maine. Era uma tempestade húmida e ventosa, que soprava vinda do Oceano. Mais de quinze centímetros de neve tinham-se acumulado quando a escuridão se instalou, por volta das 16:00 horas.

Charley Hall, de 59 anos, um lavrador corpulento e robusto, batia furiosamente com os seus punhos no volante da sua carrinha Dodge de 1939, ao conduzir perigosamente através da tempestade para chegar a casa. Estando quase cego (uma das muitas coisas que o tinham tornado amargo cedo na vida), conduzia o seu veículo na estrada de Bowdoinham mais de memória do que por vista.

Tendo sido despedido da Fábrica de Linóleos *Bona Fide* há já três meses, sentia-se apanhado numa armadilha. Os fundos e o stock de alimentos de que necessitava para a sua esposa e para os seus cinco filhos durante o inverno estavam quase a esgotar-se.

Ele tinha ido à cidade para implorar que lhe dessem de novo o seu antigo emprego. “Lamento, Charley, mas simplesmente não podemos voltar a colocar-te na linha de produção, devido à tua falta de visão”, tinha-lhe dito o seu antigo patrão cerca de uma hora antes.

Ele rodou o volante com força e entrou no pátio da casa. A traseira da sua carrinha deslizou no gelo e bateu contra a caixa de

correio. A sua face contorceu-se de ira ao carregar no acelerador. Tudo isto era por culpa *delas*: Elsie (a sua esposa de 37 anos) e a sua nova religião. Tudo tinha começado a desmoronar-se desde o momento em que ela se tinha juntado àquela Igreja Cristã e tinha começado a levar os miúdos todas as semanas.

Edie, a sua filha de sete anos, espreitou pela janela da sala e viu, com apreensão, o seu pai a aproximar-se. “O pai chegou a casa”, gritou. O seu tom de voz era de aviso, não de informação.

Deixando cair a cortina sobre a janela, Edie fugiu para o seu quarto sem aquecimento, no sótão. Este era o lugar para onde ela podia escapar da violência que se instalava lá em baixo.

Às 17h30, a família juntou-se, silenciosa e cautelosamente, na cozinha para o jantar: Ensopado de milho ou guisado de tomate misturados com leite; pão de trigo tostado, feito em casa, com manteiga fresca produzida na quinta. Ninguém conversava.

O que dizer dos anjos?

Uma hora mais tarde, com o som das pipocas a saltarem no tacho de ferro na cozinha, Charley ligou o velho rádio para começar a ouvir o *Espetáculo de Jack Benny* e *A Nossa Senho-*





rita Brooks, os seus programas radiofónicos favoritos.

Mas este não era o retrato ideal de uma família pobre que passava junta uma noite. A sua pobreza não era tanto uma pobreza de bens materiais, mas mais uma pobreza esmagadora por falta de amor e dos afetos normais. Eles juntavam-se porque a cozinha era a única assoalhada aquecida na velha e fria casa.

Edie estava sentada à mesa, mordendo o seu lábio enquanto cortava roupas de papel a partir de um livro, para vestir as suas bonecas. Melvin, de onze anos, sabia que ela queria que alguém brincasse com ela, pelo que sentou-se e ofereceu-se para ajudar.

“Só as *raparigas* é que brincam com bonecas”, disse Ben, de 13 anos, com sarcasmo. Melvin ficou fortemente corado de raiva, mas, antes de poder responder, o seu pai bateu fortemente com o punho na mesa da cozinha. “Calem-se, quero ouvir o meu programa!”, rugiu ele.

Edie susteve uma lágrima e olhou para a árvore de Natal perto da janela da frente da sala. A maior parte das decorações tinham sido feitas à mão: Longos fios de pipocas, lascas de papel de alumínio, “flocos de neve” coloridos e “bolas de neve” que Edie tinha feito na escola. As únicas decorações comerciais eram as luzes que piscavam e algumas bolas delicadas que a avó tinha oferecido à família.

Mas havia ainda uma coisa mais: No topo da árvore, tinha sido posto um anjo em cerâmica.

“Acreditas que os anjos existem de verdade?”, perguntou Edie a Melvin num sussurro, ao tentar desfazer a tensão na cozinha. Melvin encolheu os ombros: “Não sei. Mas fala-se sobre eles na igreja, por isso talvez existam.”

Uma forte batida na porta da frente interrompeu a sua conversa.

Um visitante na noite

“Charley, está alguém à porta”, disse Elsie. “Bem, vai ver quem é e livra-te dessa pessoa”, respondeu ele, irritado. “Deixa-me em paz.”

Um homem alto, e de barba, apresentou-se na entrada da casa. Sorriu amigavelmente quando Elsie abriu a porta e olhou para ele na escuridão triste. Atrás da sua mãe, Edie observou timidamente o estranho.

“Peço desculpa por incomodar tão tarde, mas preciso de falar com o senhor Hall”, disse o homem.

“Bem... Não sei se...”, respondeu Elsie.

“É muito importante. Podia dizer-lhe que eu gostaria de falar com ele?”

Mas havia ainda uma coisa mais: No topo da árvore, tinha sido posto um anjo em cerâmica.



Os ombros dela caíram resignados. “Eu vou dizer-lhe, mas acho que ele... ah... não está com vontade de conversar com alguém.”

Enquanto esperava, o homem agachou-se sobre um joelho junto de Edie e apontou para a árvore de Natal. “Aposto que foste tu que fizeste boa parte destas maravilhosas decorações de Natal”, disse ele.

“Sim, fui eu”, admitiu ela, feliz por ele ter reparado. Ela apreciou a bondade nos seus olhos e a ternura na sua voz. Interrogou-se sobre como seria ter um pai como ele.

O olhar dele percorreu lentamente a árvore de Natal e deteve-se quando viu o anjo. Ela observou-o a estudar o ornamento natalício.

“Acredita em anjos?”, perguntou ela, timidamente.

“Oh, sim, claro que sim!”, disse ele, enfaticamente. “Tu não?”

“Não sei”, admitiu ela honestamente. “Mas queria acreditar. Gostaria de encontrar um anjo um dia.”

O homem sorriu. “Talvez já tenhas encontrado um e não te tenhas apercebido”, sugeriu ele.

Ela virou-se e olhou-o nos olhos sorridentes. “Como poderia eu saber?”, perguntou ela sem rodeios.

A pergunta foi interrompida pelo som do seu pai a esmurrar a mesa com o seu punho, e a gritar: “Nem que ele seja o próprio Presidente da América – livra-te dele!”

“Não te preocupes, Edie”, disse o homem ao erguer-se. “Os anjos deixam-te sem-

“Não te preocupes, Edie”, disse o homem ao erguer-se. “Os anjos deixam-te sempre saber quem são, de alguma forma. É o modo de Deus enviar uma nota pessoal do Seu amor.”

pre saber quem são, de alguma forma. É o modo de Deus enviar uma nota pessoal do Seu amor.”

A mãe dela voltou, com os lábios cerrados. Antes de ela poder falar, o estranho colocou a mão no bolso do seu casaco novo e retirou um simples envelope.

“Lamento ter incomodado a sua família”, disse ele, entregando à mulher o envelope. “Eu apenas queria deixar-lhe isto e dizer ao senhor Hall para voltar a apresentar-se ao serviço na fábrica, amanhã. Ele tem um novo emprego lá.”

O homem inclinou-se para a menina, piscou o olho e beijou-a ligeiramente no rosto. “Feliz Natal! E não te esqueças do que eu disse, Edie. Os anjos deixam-te sempre saber quem são.”

Sem pegadas

“Que homem estranho”, murmurou Elsie ao abrir nervosamente o envelope. O conteúdo escapou-lhe dos dedos trémulos e caiu no chão: Três notas novas de 100 dólares. Durante um longo momento, a mãe e a filha simplesmente fixaram o seu olhar, alternadamente, no dinheiro e na porta onde o estranho tinha estado poucos minutos antes.

Edie foi a primeira a recuperar do espanto; apanhou as três notas e deu-as à sua mãe. Ambas correram para a cozinha.

“Charley, nem acreditas no que tenho na mão!”, gritou Elsie.

“Não me importa o que tens na mão. Por favor, cala-te...”

“Não te atrevas a mandar-me calar!”, interrompeu ela. “Olha para isto!” A mulher, habitualmente tímida, apresentou-se firmemente diante do seu marido e mostrou-lhe o dinheiro.

Surpreendido pela força na voz da esposa, Charley olhou silenciosamente para ela, com admiração. Depois, viu o dinheiro.

“O que é isso?”, perguntou desconfiadamente, apontando para as notas.

“É o que o homem que bateu à porta te veio dar – juntamente com boas notícias. Vais voltar ao trabalho na fábrica amanhã”, informou ela, à medida que as lágrimas enchiam os seus olhos. “Eu disse-te que Deus cuidaria de nós.”

Charley levantou-se desajeitadamente da cadeira. “Para onde foi o homem? Chama-o, para que eu possa falar com ele.”

“É estranho; eu não ouvi o carro dele ir-se embora”, disse Edie antes de a sua mãe poder responder.





“Vão buscar-me a lanterna!”, pediu Charley. “Ele não pode ter caminhado para muito longe com esta neve.”

Eddie já se tinha adiantado e pegado na lanterna de querosene envidraçada que estava perto da porta da frente. O seu pai riscou um fósforo, acendeu-a e ajustou o pavio para que projetasse o máximo de luz, antes de se encaminhar para a escuridão.

“Olá!”, chamou ele. “Está aí alguém?”

Apenas algumas rajadas de vento se faziam sentir no ar.

“Não vejo nada”, queixou-se o homem quase cego.

Subitamente, apareceu um amplo e deleitado sorriso na face de Eddie, ao olhar para o anjo em cima da árvore de Natal, e ao lembrar-se das últimas palavras que o estranho lhe dirigira: Os anjos deixam-te sempre saber quem são.

Eddie passou para além do pai. “Pai, olha para o chão”, segredou ela.

“O que vês?”, perguntou ele, ansioso.

“Pai, parou de nevar antes de o homem chegar. Mas não há pegadas ou trilhas de qualquer tipo na neve.”

A família voltou para o interior da casa silenciosamente e fechou a porta. Elsie e as crianças entreolharam-se, confusas, enquanto Charley ficou de costas para elas. Ele esfregava as suas mãos nos olhos.

“Eu não entendo isto!”, murmurou ele diversas vezes.

Eddie puxou o braço da sua mãe. “Mãe, como é que o homem sabia o meu nome?”, perguntou ela.

“Não sei, querida.”

Subitamente, apareceu um amplo e deleitado sorriso na face de Eddie, ao olhar para o anjo em cima da árvore de Natal, e ao lembrar-se das últimas palavras que o estranho lhe dirigira: *Os anjos deixam-te sempre saber quem são.*

COMPRE EM WWW.PSERVIR.PT

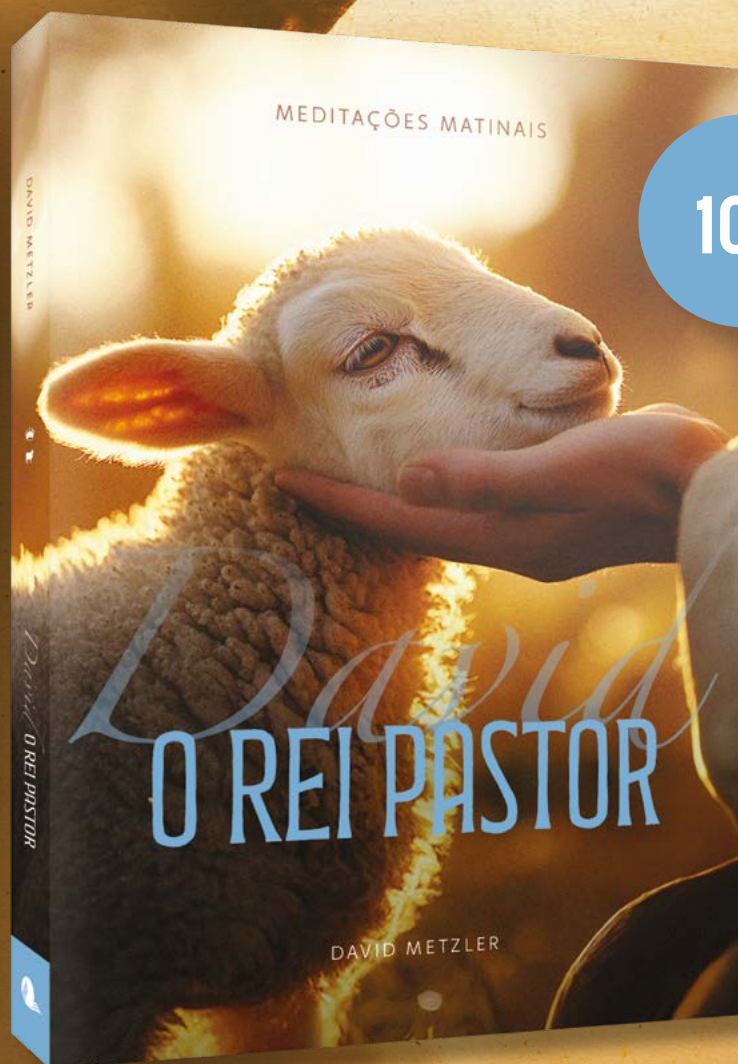
☎ 21 962 62 00

✉ CLIENTES@PSERVIR.PT

📞 +351 925 896 870

📘 @PSERVIR

CONHEÇA, MAIS DE PERTO,
A INCRÍVEL HISTÓRIA DO
HOMEM DAVID, QUE FOI UM
TIPO DE JESUS.



10€

ADQUIRA JÁ!